

FOLHAS DA ÁRVORE

Como uma escola muda o
que chamamos de escola

Mariana Rosa:
diferença como
ponto de partida
Uma conversa sobre
o gesto insurgente.

10 anos em
movimento
Linha do tempo de
uma escola.

Educação
Insurgente: o
seminário



Raízes que crescem para o alto

Dez anos se passaram desde que a Escola da Árvore abriu espaço para uma pergunta simples e radical: como uma escola pode mudar o que chamamos de escola? Não havia caminho pronto, havia gente — crianças, famílias, educadores — e um território vivo. O que nos trouxe até aqui foi a insistência em afirmar que educar é sempre um ato político, feito de escolhas cotidianas que desenham o mundo em que queremos viver.

Esta revista celebra a coragem dessa escolha e convida você a percorrer, com calma, as trilhas que a sustentam. Na reportagem de capa, apresentamos o nosso projeto político-pedagógico: a diferença como regra, a natureza como fundamento e o movimento como expressão. É um projeto que não cabe num documento; ele se dá no encontro, no conflito que ensina, na comunidade que decide, na terra que alimenta e educa.

Em “Infância e Natureza”, o cotidiano se confunde com o Cerrado: cada borboleta, cada fruta, cada pergunta abre um campo de aprendizagem. Em “A pedagogia dos corpos em movimento”, a escola mostra que se pensa também com o corpo — e que dançar, correr, jogar são modos de escrever mundo. A linha do tempo reúne momentos de luta e beleza; a seção sobre agroecologia revela como a agrofloresta é sala de aula feita no quintal.

A entrevista com Mariana Rosa nos convida a ir além dos rótulos: quando insurgir é presumir potência, a escola se reconstrói

desde as bases para que ninguém precise pedir licença para existir. Já o Seminário Educação Insurgente, realizado em parceria com a UnB, espalha essa conversa para fora dos muros, porque o comum não se faz sozinho.

Há, ainda, um capítulo que pedimos que seja lido com o coração atento: a homenagem à Vovó Ilka. Em suas mãos, a escola aprendeu que cuidar também é cozinhar, costurar, benzer o céu e ouvir as histórias que moldam pertencimento. É dela, e de tantas pessoas que atravessaram esta década, a força que mantém acesa a casa comum.

Que esta revista seja um convite a continuar: plantar, regar, estudar, disputar sentidos — e seguir fazendo da educação um trabalho paciente de liberdade.



Leticia Araújo & Nathália Campos

Índice

Como uma escola muda o que chamamos de escola.....	1
Raízes que crescem para o alto.....	1
Vovó Ilka, casa acesa	5
Linha do tempo - 2015/2025.....	7
Infância e Natureza, a mesma paisagem.....	8
A pedagogia dos corpos em movimento.....	14
A diferença é um imperativo e a interseccionalidade, uma realidade...	18
Programação Seminário Educação Isurgente.....	26
Dez anos que não cabem num documento.....	29
Cartas das crianças.....	34
Dez anos em muitas vozes	36
Território vivo: <i>a educação que resiste e reinventa</i>	38
Insurgir é presumir potência.....	44
<i>Agroecologia: educador ambiental, agricultor do Cerrado ou parceiro da escola</i>	50
Chinelos e Calçados na porta da sala - a aula já vai começar	51
A menina e a escola: <i>Duas histórias que brotaram juntas</i>	52
Hum... Natureza?	53
<i>Adolescência, crítica e coragem: o que cresce no Fundamental II da Escola da Árvore</i>	55
O papel da escola como espaço de resistência e criação de mundos possíveis	60



Dona Ilka, vovó de pais, alunos e professores. Sabedoria que reverbera, raiz que floresce.

Vovó Ilka, casa acesa

A história da Escola da Árvore está aninhada nos braços da Dona Ilka, a vovó da escola. Nesses braços as primeiras crianças que aqui recebemos se embalsamaram para dormir; braços que plantaram as árvores que, hoje, trazem sombra, frutas e galhos para pequenas pernas subirem e explorarem. Braços que mexiam os bolos para os lanches, que limpavam as salas ao fim do dia, que habilmente cuidavam de machucados, farpas, joelhos ralados.

Desde os primeiros dias da nossa escola, vovó Ilka traduzia seu amor e cuidado em ações cotidianas, tendo cada criança como seus netos e netas de coração. Espalhava sua sabedoria nos detalhes, ajudando uma turma a cuidar de um passarinho de asa quebra-

da, respondendo à outras perguntas sobre plantas e suas propriedades. Explicava sobre a época de cada fruta amadurecer, levando amoras colhidas do pé de presente para as crianças. Ensinava receitas, invocava os céus para abrir nuvens cinzas e garantir aulas-passeio e festas.

Em 2024, vovó Ilka nos deixou. E a falta que ela nos faz é impossível de medir. Por seu legado de tantos ensinamentos, principalmente para as crianças, ela não morre – segue em cada pequena mão que rega a jabuticabeira, e em cada prática que nos aproxima da ancestralidade, do respeito à terra e da busca por sermos nós mesmas, na autenticidade que vovó Ilka trazia e espalhava.

Linha do Tempo



Começo da escola em uma churrasqueira

- Parceria com Martinha do Coco (samba de coco, festas e celebrações)
- Festival de Capoeira com Grupo Consciência em Movimento



Conexão com comunidade quilombola

- Trilha e roda com Fiota Kalunga, líder quilombola
- Primeira turma de alfabetização



Crianças foram entregar uma carta para o presidente da Câmara, pedindo o fim das queimadas na Amazônia

- Projetos de música em parceria com EMB
- Jongo do Cerrado
- Ação contra as queimadas na Amazônia
- Hospedamos 60 lideranças Munduruku na escola

2015

2017

2019

2016



Escola recebeu reconhecimento do MEC como proposta criativa e inovadora

- Mutirão de limpeza do lixão na entrada da escola
- Parceria com Mamulengo Fuzuê
- Construção da primeira casinha de pau a pique

Início do Fundamental 1, construção do prédio

- Rádio da Árvore
- Jogos da Escola no Parque da Cidade

2018



2015/2025



Início da agrofloresta na escola

- Campanha de apoio a Maria Leusa Munduruku
- Campanha Exigimos vacina
- Elaboração de projeto de lei sobre educação ambiental no DF

2021



Narrativas de ancestralidade

- Jongo da Bananeira (EP gravado pelas crianças)
- História Princesas Negras e autógrafos com Edileuza Penha
- Mostra Kalunguinha de audiovisual negro
- Início das rodas de conversa e Podcast Em Volta da Árvore

2023

SEMINÁRIO

EDUCAÇÃO INSURGENTE

- Construção do novo prédio do fundamental
- Seminário de 10 Anos
- Inauguração da Biblioteca do Divino

2025

2020

Seminário de 5 anos:

A ESCOLA EM TEMPOS INIMAGINÁVEIS.

- Roda de conversa com Madalena Freire
- Escola para respirar na pandemia
- Credenciamento na Secretaria de Educação



2022

Prêmio Marielle Franco

- 1º encontro troca e venda de sementes
- Defesa da Serrinha na Câmara Federal
- Início do Fundamental II



2024

Intercâmbio pedagógico com escolas indígenas

- CAFI Parentinho – acolhimento de crianças indígenas no ATL
- Formação na Terra Indígena Caru
- Entrega de carta a Marina Silva
- Lançamento do videomanifesto Concreto



Infância e Natureza, a mesma paisagem

Na Escola da Árvore, a vida cotidiana se confunde com o Cerrado: cada borboleta, galinha ou fruto é aprendizado vivo e insurgente.

POR ANE CAJADO





Sol a pino, chegam ao portão da Escola da Árvore os responsáveis para receber suas crianças... imundas. “Não dá pra deixar ele dormir no carro, chegando em casa é direto para o banho”, diz uma avó à sua filha, talvez ainda sem entender completamente a escolha por uma escola para seu neto no meio do mato.

A criança que encontra a avó é alegre, curiosa e está com a roupa cheia de terra. Ao chegar em casa, a mãe – para desespero da avó – estende um lençol sobre a cama e deixa a criança dormir sossegada.

Avós que enxergam a natureza com certo temor reverencial – necessária e ameaçadora – têm filhos que querem cruzar a fronteira: sair do domínio de uma natureza exótica e perigosa para o reino de uma natureza familiar e amigável. Por isso, escolhem a Escola da Árvore para seus filhos e filhas. Ah, mas as crianças... elas têm mais a ensinar.

Tudo na escola se confunde com elas próprias e seus ritmos: depois do lanche, é hora de dar os restos às galinhas; a sobremesa está no pé, é só colher; até a terra que suja cabelos e roupas faz parte delas. É uma cena que se repete todos os dias na Escola da Árvore, mas que carrega em si uma revolução silenciosa – a insurgência de uma educação que não separa criança de natureza, aprendizado de terra, futuro de presente.

Nessa simbiose entre criança e natureza, o fazer pedagógico é achado em todas as oportunidades abertas pelo fato de que é no mundo que se vive. Por exemplo, quando um grupo de crianças observa o primeiro voo de uma borboleta. Durante semanas, acompanharam todo

“As crianças são natureza, não estão à parte, fazem parte e integram a natureza”

o processo – da lagarta que se movia devagar entre as folhas até o casulo que guardou o mistério da metamorfose. Desde cedo, a proximidade com a terra garante o entendimento de que somos, nós mesmos, natureza, e esse entendimento se revela não apenas em conceitos, mas em experiências vivas que marcam a memória afetiva das crianças.

Neste quintal transformado em laboratório vivo, as crianças não apenas estudam sobre o meio ambiente: elas são meio ambiente. “As crianças são natureza, não estão à parte, fazem parte e integram a natureza”, explica a fundadora e diretora da escola, Leticia Araújo. Essa compreensão, aparentemente simples, ecoa como um manifesto contra décadas de educação que confinaram a infância entre muros de concreto e grades de ferro.

A missão de conectar educação, natureza e criança acontece pela espontaneidade, pela livre exploração e o encantamento do encontro. Isso pode ser presenciado ao observar o alvoroço que toma conta do pátio quando os pintinhos da galinha d'angola nascem. A natureza deixa de ser um perigo e se torna uma aliada nas brincadeiras e, se tudo der certo, na vida. As crianças aprendem que bichos, plantas e terra não são elementos a serem temidos, mas parceiros na grande aventura de existir.



Terra, palavra e gesto: currículo que nasce do que se cultiva.

A Política da Terra Viva

Ian, no auge dos seus seis anos, define a natureza como “árvore, grama, paz”. Muito mais do que nomear elementos, Ian constrói um vocabulário de resistência. “Paz porque você pode ficar sentindo o clima dela”, completa o menino, sintetizando aquilo que filósofos e ambientalistas levaram décadas para teorizar: a natureza como lugar de encontro, de cura, de reconexão.

A agrofloresta que cresce nos canteiros da escola não é apenas uma técnica de cultivo – é um ato político. Cada muda plantada representa uma escolha deliberada pela menor quantidade possível de agrotóxico para as crianças. Essa decisão ganhou urgência durante o governo Bolsonaro, quando o aumento na liberação de agrotóxicos mobilizou um grupo de mães a pautar na escola a alimentação orgânica para seus filhos.

O debate atual de justiça ambiental busca evitar o fenômeno de imposição desproporcional dos riscos ambientais às populações mais vulneráveis e com menor influência polí-

tica, social e financeira. A Escola da Árvore, ao lutar por uma alimentação com menor quantidade de agrotóxico, mas também como resistência à sanha exploradora da região da Serriinha do Paranoá, mostra que justiça ambiental é também assunto da escola.

Assim, na horta, mãos pequenas mergulham na terra para colher cenouras laranja-vibrantes. Com cuidado, retiram os talos, lavam cada uma delas na torneira do quintal. Essas mesmas cenouras, minutos depois, estarão no lanche coletivo – ciclo completo que conecta plantio, cuidado e nutrição. Defender a natureza é assunto de escola, sim! E desde muito pequeno.

Para Leticia, fundadora e diretora da escola, a relação com a natureza perpassa outras práticas. Aqui, a integração criança-natureza se manifesta nos gestos mais cotidianos: na seriguela que só pode ser colhida em fevereiro (“não adianta colhê-la antes porque não conseguirá comê-la”), na framboesa que exige cuidado por causa dos espinhos, nas pedras que “precisam ser desviadas ou puladas”.



Brasília aberta ao céu; a escola aberta ao mundo.

Horizontes Expandidos

Brasília oferece algo raro às cidades contemporâneas: "horizonte amplo e aberto disponível para todos os lados". Mas a Escola da Árvore vai além e recusa uma arquitetura especializada em levantar muros onde viviam veredas, bloquear um céu que era horizonte. Por isso, as crianças da escola enxergam o azul que paira sobre suas cabeças em toda sua inteireza, não por meio de venezianas e brechas.

Apesar de um céu que é o seu mar, Brasília também é uma cidade onde especulação imobiliária, grilagem e insuficiência de políticas de preservação contribuem para o ataque à biodiversidade do Cerrado. Um exemplo disso é a tentativa de tomar o território da Serrinha do Paranoá para a construção de um novo bairro.

Atenta a essa movimentação, a comunidade escolar se engajou em

trilhas na Serrinha do Paranoá para mapear espécies nativas — estratégia de resistência contra interesses que ameaçam a preservação da região. Uma escola viva sempre estará atenta e forte para entender as necessidades e urgências do mundo real. O mundo do presente, daqui para o futuro.

Tendo como bandeira a preservação da biodiversidade do Cerrado, crianças de nove e dez anos compuseram, em 2019, a música "Fogo e Fumaça". A canção serve como refúgio esperançoso de re-existência, de que podemos ser diferentes, ao nos abirmos para sentir e compreender a vida que existe no Cerrado que habitamos e do qual somos profundamente dependentes.



Quando as crianças perguntam, o currículo se move.

Vozes que Brotam

Quando perguntadas “O que é natureza?”, as crianças da Escola da Árvore revelam compreensões que desafiam as definições acadêmicas. Beatriz, 9 anos, exclama emocionada: “É muita coisa! Eu não ‘tava’ preparada para essa pergunta. Eu nunca pensei sobre isso. São pessoas, árvores, animais. É quase tudo”.

Essas vozes infantis ecoaram até o gabinete da ministra do meio ambiente, Marina Silva, quando as crianças entregaram um manifesto demonstrando preocupação com a disputa da Serrinha do Paranoá por grupos não comprometidos com a preservação. Pequenos portavozes de uma urgência que os adultos, às vezes, parecem esquecer.

O Mundo que Está Sendo

“O mundo não é. O mundo está sendo”, lembra Paulo Freire. Na Escola da Árvore, essa máxima ganha concretude a cada broto que rompe a terra, a cada criança que aprende que não existe uma natureza especial a ser conquistada ou vivida, que a natureza somos nós, onde estivermos com outras espécies.

A escola não se contenta em formar pequenos jardineiros. Conforme nos conta Leticia, a escola se compromete em formar cidadãos que compreendem que “somos seres dentro de teias ecológicas e não fora delas”. Como ensina Anna Tsing, as “paisagens multiespécies são necessárias para

sermos humanos”, e é exatamente isso que se pratica aqui: uma educação onde galinhas d’angola, gatos, cachorros, pés de amora e de acerola estão desempenhando seu papel e ocupando seu lugar no ecossistema.

A influência dessa pedagogia da terra transcende os muros escolares. Famílias inteiras começam a repensar sua relação com o alimento, com o consumo, com o tempo. O plantio coletivo se torna um ato de construção de comunidade, e cada canteiro agroecológico representa uma vitória contra a monocultura — não apenas agrícola, mas também educacional.



Aprender é acompanhar o que se transforma — em nós e ao redor.

Confluências e Envolvimentos

Na Escola da Árvore, a educação reconhece a criança como sujeito de direito ao risco que a natureza impõe para ser vivido. Longe de proteger artificialmente a infância dos desafios do mundo natural, a escola oferece encontros autênticos com a complexidade da vida, preparando suas crianças não para dominar a natureza, mas para conversar com uma árvore, com uma folha ou com a pedra na qual estamos sentados.

Neste território de resistência silenciosa, onde pequenas mãos plantam sementes de futuros possíveis, a insurgência ambiental se manifesta não apenas em gritos ou protestos, mas brota na paciência de esperar o tempo de cada fruto, na sabedoria de compreender que somos parte da teia que sustenta toda vida, na

coragem de educar crianças que se enxergam como natureza em movimento.

Oferecer a oportunidade da relação entre a criança e a natureza é abrir espaço para nossa própria permanência. Cada borboleta que alça seu primeiro voo, cada pintinho que nasce, cada tomate colhido pelas mãos infantis representa não apenas um momento educativo, mas um ato de esperança na continuidade da vida.

Como sussurra Nêgo Bispo, “a confluência, essa palavra germinante”, ainda nos segura no colo. E é exatamente dessa confluência — entre criança e terra, educação e vida, presente e futuro — que nascem os mundos que desejamos habitar.

A pedagogia dos corpos em movimento

Na Copa da Árvore, tai chi, jogos e danças revelam uma pedagogia insurgente que costura infância, corpo, saberes ancestrais e consciência ambiental em um mesmo território vivo.

POR LUDIMILA MOREIRA



Mães, pais e familiares carregam sacolas e cadeiras de praia. Crianças com os rostos pintados de protetor solar e tinta avistam por todos os lados colegas, educadores, equipe de apoio, do administrativo. Camisetas verdes, azuis, vermelhas e amarelas, sorrisos genuínos e corpos animados vão palmilhando o Parque Vivencial do Paranoá para mais uma edição da Copa da Árvore.

A experiência da comunidade escolar em um parque ecológico de uma região administrativa vizinha se inscreve na ética de alteridade e consciência ambiental que a Escola da Árvore tem construído ao longo desses 10 anos. Antes dos jogos de 2025 começarem, fomos convidados a participar de uma sessão comunitária de Tai Chi, coordenada pela professora Jacqueline Gonçalves.

O retrato de comunhão e escuta do corpo capturado pela cena coletiva do Tai Chi faz parte de uma galeria que se expande a cada ano não só pelo ingresso de novas famílias, mas também pela proposta pedagógica de valorizar jogos, esportes, brincadeiras e práticas artísticas. Uma atenção aos nossos processos históricos, às nossas lutas de emancipação política como resgate de memória e cultivo dos saberes ancestrais.

Entre atividades lúdico-sensoriais, os jogos escapam da ética utilitarista da competição e do confronto entre equipes e, assim, se constrói ano após ano um senso comunitário de sentidos e movimentos.

A escola é território de reconstrução e tensionamento de realidades forjadas pelos processos de desumanização resultantes de um movimento incessante do colonialismo e do capitalismo. O sujeito-criança como força atuante em uma educação, que conjuga o pensamento intelectual à prática política, a imaginação artística à amorosidade, em uma constante elaboração e conquista de consciência corporal, ambiental e de leituras de mundo, de mundos.

A "Pedagogia da Insurgência" vem dessa pulsão da comunidade escolar por um aprendizado em constante afetação com a História e os seus repertórios de crises, guerras e festas emancipatórias que constituem nosso cotidiano.

No rastilho da dança, já nas turmas dos bebês da Mirindiba e da Lobeira, a percepção e a interação com o mundo ganham ritmo, consciência e catalisam a constituição da autoestima e consciência sensorial pela contínua explora-



Cada pegada na lama desenha um novo mundo

ção dos movimentos dos próprios corpos em aventuras visuais, táteis, sonoras. Essa linguagem dialética que aciona, incorpora e dissemina um circuito de afetos e expressões que renova nossa extemporânea interlocução com o teórico e coreógrafo húngaro Rudolf Laban.

Além de refletir sobre a integração de ecossistemas como o microcosmo íntimo, o pessoal versus a geografia e o âmbito público na educação via dança, Laban redimensiona o papel da liberdade da expressão corporal no apelo do reconhecimento, da ocupação, exploração e construção das interioridades psíquicas e modos de subjetivação da criança em sua comunidade.

Diante das fluências adquiridas em uma voltagem pedagógica inventiva e amorosa, se tece uma memorabilia dinâmica e as crianças, pré-adolescentes e adolescentes das turmas que portam o nome de árvores em uma presença e herança vívida e contínua: Jenipapo, Itararanga, Hibisco, Guapuruvu, Duguetia, Embaúba, Angelim¹, se tornam sujeitos históricos em movimentos que inauguram conhecimentos poéticos, geográficos, matemáticos, científicos e históricos pelas aulas que se tornam acontecimentos repletos de corporeidade.

¹ As turmas da Escola da Árvore são batizadas com nomes de espécies típicas do Cerrado. A primeira turma chama-se Angelim e a Mirindiba é a turma mais recente, para crianças de até 2 anos.



Corpo-natureza

Samba de roda, maracatu e jongo presentes em projetos pedagógicos para além de repertórios de dança e música ganham morada e reverberam nas mentes de alunos, mães, pais, avós e outros familiares que talvez nunca tivessem acessado esses patrimônios culturais.

A cada dia, em cada turno, a construção e a negociação de um mundo comum – que busca superar as divisões modernas entre natureza e sociedade, humanos e não-humanos –, ganha força e concretude na vivência dos estudantes que não se correspondem com a natureza enxergando-a como uma categoria exterior, alheia ao seu mundo. A natureza, aqui, é parte constitutiva do brincar e da elaboração de pensamento e conhecimento sobre si, o nós e o planeta.

Capoeira, jiu-jitsu, dança e cerâmica figuram como exercícios criativos e atividades corporais que não se limitam à prática normativa de educação física, criando um espaço de expressão de identidade e manifestação de liberdade e resistência. A força lúdica e de consciência corporal da Yoga também integra a rotina de uma Escola que vê o corpo como linguagem pulsante e aberta às conquistas cognitivas e sensoriais e no manejo das frustrações, atritos, alegrias e comunhões. Essa constelação de atividades constrói uma rede rizomática de segurança, escuta e acolhimento para corpo e mente se expressarem.

Diferentes do que com frequência se entende por ambiente infantil, o espaço da escola é pensado priorizando a exploração e o aprendizado mais do que a regularidade sanitizada do concreto. A própria expressão “área verde”, tão comum no urbanismo moderno, parece ter aplicabilidade estranha ao espaço da escola tendo em vista que apenas a quadra esportiva e os prédios de sala de aula não são esse verde. Algumas das árvores têm raízes despontando do chão, o gramado tem trechos pedregosos, os arbustos das framboesas estão expostos com seus espinhos visíveis: o usufruto da natureza exige o conhecimento, que se integra diariamente no entendimento das crianças no que diz respeito seu estar no mundo, seu ser criança, em suas capacidades crescentes, autônomo mesmo que sob o cuidado dos professores.

Entre as manifestações de texturas, florações, nuances de cores do nosso bioma cerrado, acompanhamos também os estágios espiralados de desenvolvimento da autonomia e autoestima infantil sustentados por uma rede de presença e afetos que acionam segurança e por um meio-ambiente confiável, responsivo e insurgente.



Cada passo é um ponto de encontro entre mundos

A diferença é um imperativo e a interseccionalidade, uma realidade

Entre atabaques, literaturas negroafetivas e práticas inclusivas, a Escola da Árvore constrói um projeto educativo insurgente, que enxerga cada diferença como potência transformadora.

POR ANE CAJADO



Um menino branco, de cabelos dourados, repete frases sem sentido e prefere brincar à sua maneira, sozinho e de costas para os colegas da turma. Seu caminhar é leve, e seus pés parecem não querer deixar rastro na terra. A professora sinaliza à família sobre os pontos que lhe chamam a atenção a partir da sua experiência, afinal, ela é a primeira professora da Escola. Seus apontamentos são recebidos pela família, que segue o curso de investigações de saúde que chegam à identificação do espectro autista. Benjamin, o menino, diz sempre: a Escola da Árvore é a melhor escola de Brasília.

No evento narrado, encontraram-se numa encruzilhada uma criança com deficiência e uma professora negra. Da mesma forma, debates e ações para uma educação antirracista contribuem para uma educação anticapacitista, e vice-versa.

Este texto é sobre as veredas abertas pelo encontro entre lutas que apontam para clarões de entendimento sobre um fato inconteste: a diferença é um imperativo, e a interseccionalidade uma realidade. Nesta escola, o quintal pulsa com a riqueza que só a ausência de pasteurização sabe criar. Quando o jongo – manifestação afro-brasileira cujas origens remontam às plantações de café do sudeste – se espalha na Escola da Árvore, por meio de seus atabaques, cantos e danças, é como se os antigos se tornassem crianças novamente, atualizando resistências e celebração.

Como observa bell hooks, “o prazer e o êxtase podem e devem ter lugar na sala de aula”, e aqui, no quintal-sala de aula, o corpo que dança é o mesmo que aprende, que ques-

tiona, que constrói conhecimento. O som do atabaque não é apenas ritmo – é pedagogia ancestral que ensina sobre resistência, memória e pertencimento. Menino e professora se encontram nessa dança.

Na Escola da Árvore, laudos, prognósticos e jargões não precedem as crianças, estas sim protagonistas de suas próprias histórias. A escola oferece o papel, as tintas, os pincéis – mas também o direito ao silêncio, à pausa, ao recomeço. A cada encontro, a cada roda, a cada história compartilhada, constrói-se vínculo, aprendizagem e vida.

Na Escola da Árvore, onde a equipe faz parte da paisagem e é natureza, a educação insurgente não é teoria distante – é prática encarnada, currículo vivo, metodologia que atravessa cada relação. O canto do jongo ainda ecoa quando as famílias chegam para buscar as crianças. Algumas param, escutam, entram na roda. Porque aqui, educação transborda os muros, contamina positivamente a comunidade, semeia sonhos de equidade. A diversidade não é valor declarado em documentos pendurados na parede, mas movimento cotidiano de uma comunidade. As crianças seguem dançando jongo, lendo literatura negro afetiva, derrubando barreiras e sonhando futuros.

Educar, na Escola da Árvore, é verbo que se conjuga no plural, no presente e no por vir. É acreditar que um outro mundo não apenas é possível – ele já está sendo construído, aqui e agora, no encontro entre diferentes que se reconhecem como igualmente humanos, igualmente dignos, igualmente capazes de transformar o mundo.

Paisagem em movimento: a escola como território de insurgências

POR ROBERTA EUGÊNIO, ADVOGADA E MÃE DA MANÁ (GUAPURUVU).

Me chamo Roberta, mãe de Maria Nadir, conhecida como Maná. Eu e ela somos mulheres negras — e isso, no Brasil, não é trivial: é fundante. Num país que explora por raça, classe e gênero, quanto maior a desigualdade, maior o racismo e suas ramificações. Ignorar esse dado é erro.

Não venho da pedagogia, mas, como mãe, buscava o melhor para a educação da minha filha. Tinha medo de que a violência racial calasse seus sorrisos e experimentações antes que virassem gesto, palavra e afeto. Há marcas tão profundas que impedem a criança de parar de chorar. Eu queria que minha menina explorasse todos os cantos lúdicos da infância, longe dos tentáculos da violência.

Uma amiga querida, Clara de Sá, que também reflete sobre a infância e seus mundos possíveis, me levou à Escola da Árvore, numa tarde de fevereiro de 2023. Ao subir a Serrinha do Paranoá, ela disse que sempre meditava no caminho, deixando o corpo se alinhar ao tempo das infâncias. Desde então, aprendi a honrar aquele trajeto de terra como parte do encontro.

Na Escola da Árvore, tudo tem sentido: a simplicidade do mobiliário, a amplitude dos espaços, as árvores e galhos, os lanches e a partilha; as bolsas e os chamados à comunidade; a poesia, base da alma; e os desafios, base da vida. Tudo está ali para o uso coletivo — das crianças, famílias, educadores e cuidadores.

Quando conversei com Leticia pela primeira vez, encontrei uma direção que compreendia a escola como organismo



social. Falamos das violências — e da urgência de desarmá-las antes que aconteçam. Na Árvore, não há tapetes para esconder desconfortos. As lágrimas aparecem quando há erro, mas também quando o encantamento surge — e esse tem sido mais comum.

Não há perfeição, mas comunhão pelas infâncias em suas diversidades. É preciso acreditar — e querer muito! — para fazer educação com base em infância, natureza e movimento. Eu buscava um espaço onde raça fosse compreendida como marcador essencial para que o racismo não se infiltrasse no cotidiano. Encontrei isso na Árvore.

Dois anos depois, sigo subindo a serra porque vejo Maná cheia de si, amada, “famosa”, gaiata. Ser negra é parte de sua história, mas não define sua experiência pelo racismo que tantas vezes sufoca nossas infâncias.

Maná é uma criança feliz.

E, reescrevendo Juliana Borges: uma criança negra feliz é um ato revolucionário.



Literaturas que afetam e transformam: o currículo como território de disputa

POR NATHÁLIA CAMPOS, DIRETORA DA ESCOLA E MÃE DA CLARICE (EMBAÚBA) E DA ELISA (HIBISCO) E ANE CAJADO, HISTORIADORA E MÃE DO BENJAMIN (GUAPURUVU) E DA AMANDA (JENIPAPO)

Nas estantes da biblioteca – espaço acolhedor com almofadas coloridas, tapetes macios e luz natural abundante – a literatura negro afetiva, termo cunhado pela escritora Sonia Rosa, ocupa lugar central. Essa literatura conta de obras literárias que valorizam e localizam crianças e pessoas adultas negras em situações de afeto, ludicidade e cuidados. A literatura é capaz de criar mundos, mudar

narrativas e construir imaginários. As narrativas e ilustrações nos colocam em contato com aquilo que vamos entender como possibilidade, e por isso é tão importante que uma curadoria literária reconheça a pluralidade de vozes que compõem nossa sociedade. Assim, é fundamental que os livros presentes na escola abracem essa perspectiva: livros de autoras e autores negros, indígenas, LGBTQIA+, com deficiência, ocupam as prateleiras com narrativas que expandem horizontes e repertórios.

Kabengele Munanga, antropólogo congolês-brasileiro que dedicou a vida ao estudo das relações raciais no Brasil, lembra que a construção de uma educação antirracista passa necessariamente pela reformulação dos currículos e materiais didáticos, incluindo narrativas que representem positivamente a população negra e sua contribuição para a sociedade brasileira⁷. “O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas” como nos ensina Kabengele MUNANGA, professor emérito da USP.

Que a literatura possa ser antídoto para o preconceito, firmando raízes de afeto, reconhecimento e respeito.

Corpos livres, influências de potências: entre o universal e o singular

DAVI CONTENTE, FUNDADOR DA ESCOLA E PAI DO FRANCISCO (ANGELIM) E DO MARTIM (FAVEIRO)

A deficiência não é um fato médico, uma expressão anátomo-fisiológica ou um desvio neuroquímico. A deficiência é um produto histórico e social, fruto de perspectivas huma-

nas a respeito de como um corpo deve ser, de como deve se movimentar e como deve pensar. O discurso da normalidade e da anormalidade produziu o fenômeno da deficiência. Esse é o ponto de partida para entendermos como atua a Escola da Árvore nos processos de educação inclusiva e anticapacitista.

A perspectiva da deficiência como uma construção social e histórica dialoga com nossa compreensão de que a subjetividade humana se constitui também a partir do mundo social e cultural. A forma como agimos, pensamos e concebemos a nós mesmos, emerge de nossa relação com o mundo e com as instituições sociais em que atuamos.

A escola é uma das instituições centrais de nosso modelo social. Nela acessamos o conhecimento produzido pela humanidade, compreendemos o pensamento científico e construímos as ferramentas para lidar com os desafios do presente e produzir futuros. Ao inserirmos a perspectiva da deficiência como um produto social, permitimos que as histórias, teorias e experiências das pessoas com deficiência adentrem nosso currículo, nosso cotidiano pedagógico e nossa subjetividade coletiva.

Compreendemos que a experiência da pessoa com deficiência importa mais do que um laudo, uma definição médica ou um prognóstico fatalista. A escuta qualificada das crianças e das famílias nos permite pensar caminhos para uma educação inclusiva que escape aos protocolos engessados da perspectiva médica hegemônica e normatizadora.

Pensar inclusão é partir do pressuposto que o aprendizado é um processo singular, subjetivo, histórico, que ocorre apenas quando emerge da produção de sentidos. A criança possui o direito de ser reconhecida em sua singularidade, ao mesmo tempo em que precisa compreender-se como um ser coletivo. Reforçamos que não há dicotomia entre o singular e o coletivo, mas que são sim sistemas específicos na constituição humana.

Ao atuarmos em uma perspectiva contra-hegemônica, assumimos ser fundamental produzirmos caminhos estéticos, éticos e educativos que pensem a experiência da pessoa com deficiência. E assim, acreditamos que uma educação inclusiva anticapacitista produz a imaginação social e política que o mundo nos exige. O futuro é *defi*!

Educação como ato político: resistência e reexistência

POR IVANILDA FIGUEIREDO, ADVOGADA E MÃE DE GUILHERME (HIBISCO), CLAUDIA (GUAPURUVU) E BRUNO (ANGELIM)

Imaginem uma foto. Há dezenas de pessoas nelas. São as principais redes de afeto de Maria. Todas são brancas. Heterossexuais. Pertencem à mesma classe social. Apesar deste cenário uniforme, Maria sabe que ela é igual aos demais. Sua família fala sobre a necessidade de tratar todas as pessoas igualmente. Em sua escola, há um comitê de diversidade. Em algumas turmas, têm até uma ou duas crianças negras.

Qual o problema deste cenário imaginado, mas muito conhecido? Se, como nos ensina Krenak¹, estamos construindo o futuro, deveríamos nos perguntar se está ainda nos parece uma imagem aceitável e o porquê não.

Num ambiente de “igualdade” retórica não se constroem redes de afeto, e justiça social depende de afeto. É imprescindível que exista no círculo de quem você ama, pessoas negras, indígenas, de diferentes classes sociais, diver-

1 Título inspirado no livro *A Vida Não é Útil* de Ailton Krenak.

sas orientações sexuais e identidade de gênero, pessoas com alguma deficiência e neurodivergentes. Conviver com a diferença, e amar quem é diferente de nós, é essencial para construir um ambiente de igualdade.

Quando se olha o outro a partir de uma posição hierarquizada, no máximo se constrói caridade; jamais, equidade. Quantas vezes não nos surpreendemos com pessoas de diferentes religiões que sempre consideramos boas pessoas, daquelas que gostam de ajudar o outro, proferindo impropérios e defendendo posturas fascistas? Ajudar alguém não é tão difícil. Olhar para o outro em pé de igualdade. Oh se é!

A Escola da Árvore nesta sua primeira década constrói justiça social. 48% de seus estudantes recebem algum tipo de bolsa (total ou parcial), vários são moradores do entorno, 1/3 são negros. A comunidade escolar – famílias, educadores, funcionários da escola, crianças e adolescentes – é composta por uma miríade de pessoas convivendo em igualdade, partilhando saberes, sendo valorizadas sendo quem são em suas complexidades. Até porque reduzir alguém a apenas um aspecto de sua identidade é exatamente o que o fascismo realiza. Audre Lorde – uma intelectual negra, lésbica, mãe – afirma ser na

complexidade de nossas existências individuais e coletivas que reside nossa força.²

Essa força é criada num ambiente escolar no qual o amor é a prática e a igualdade cotidiana. Este amor é revolucionário porque, como leciona Bell Hooks, é uma escolha, não um sentimento. Uma escolha por uma Escola como esta, na qual nossos filhos não só aprendam lições, mas brilham e são vistos em suas belas existências. Ao escolhermos a Escola da Árvore para nossas crianças estamos priorizando um tipo de conhecimento muito mais importante do que aquele estático – facilmente substituível por qualquer IA – estamos focando na construção de mudança social, baseada em redes de afeto reais e diversas.

Vivendo diariamente esta experiência, só consigo pensar que “No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover contra a dominação, contra a opressão. No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover em direção à liberdade, a agir de maneiras que nos libertam e aos outros”³(Bell Hooks). Parabéns, Escola da Árvore por esta primeira década! Que continuemos a amar, a nos afetar e a construir um futuro no qual “a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo o um rio”.⁴

Ebó de mãe: raiz, voz corpo e caminho

POR ANA PAULA COUTINHO, COORDENADORA E MÃE DA AYÓ (ITARARANGA)

Eu cresci numa comunidade periférica do Distrito Federal. Alguns a chamam, junto a tantas outras cidades periféricas do DF, de cidade-dormitório. Eu chamo de quebrada-amor Paranoá. Criança negra, ouvi algumas vezes na minha infância sobre o lugar que nós podemos ocupar, qual lugar estava

reservado para as pessoas, como eu, vindas dessa comunidade. Não nos viam nos cargos de poder, não nos viam nos mestrados, nos doutorados, lançando discos, viajando o mundo, produzindo, lançando livros.

Eu cresci, e entre as formações da rua nos projetos sociais, da capoeira ao tambor,

2 “É somente na diversidade que nossa força reside. Na diferença, onde não há nenhuma, a criatividade falha, a vida se paralisa. E a diferença não deve ser apenas tolerada, mas vista como um tesouro de polaridades necessárias entre as quais nossa criatividade pode se acender como um fogo.” LORDE, Audre. A alegria que oprime e oprimida que alegra. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021, p. 138.

3 HOOKS, Bell. *Communion: The Female Search for Love*. New York: William Morrow, 2002. p. 95.

4 MELO, Thiago de. *O Estatuto do Homem*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

também fui à faculdade. Fui a primeira da minha família a pisar lá! Eu lembro do olhar do meu pai, homem negro, que pouco estudou, orgulhoso da filha. Minha mãe, nordestina arretada, chorou e me abraçou e chorou na minha formatura como pedagoga. Lembro dela dizer no meu ouvido:

Filha, você vai ser grande, isso é só o começo!

Reza de mãe que diz, né? Elas enxergam longe, tem um ebó de boca bonito e potente. Eu acreditei nela. Cada escolha de trabalho e outros aprendizados que fiz a partir dali, ouvia a fala dela no meu ouvido: você vai ser grande!

Na primeira escola que trabalhei, conheci a Leticia. Trocávamos bastante, sobre trabalho, sobre crianças, mas principalmente sobre a Educação. Um dia Leticia chegou e disse com muita convicção:

Estou abrindo um espaço de Educação e quero você como a primeira professora!

Ela falou sobre a ideia, sobre o que estava planejando, e eu topei.

No início, era eu, minha irmã como monitora e alguns amigos e amigas que faziam as atividades complementares. Tínhamos yoga, capoeira, francês, Vovó Ilka com seus pratos de frutas fresquinhas e diárias, que encan-

tava as crianças pela forma como ela fazia as cores destas frutas brincarem com a vontade de comer, as árvores que eram companhia dos aprendizados, as fantasias que encontravam nos corpos lugar para brincar além do gênero... 10 anos de histórias que não cabem nas poucas linhas que pretendo escrever.

A escola é premiada, serviu e serve de referência em discussões pedagógicas, de uma educadora, em uma casa no meio do mato, diversos educadores fazem parte de uma fazer pedagógico transformador e insurgente.

Atualmente em uma das coordenações da escola, 10 anos depois do convite convicto de Leticia, anos depois da voz de mamãe no meu ouvido na minha graduação, eu sei o quanto me tornei grande quando ouço meus amigos, geralmente mais novos que eu, periféricos, negros, poetas, músicos, produtores, escritores, falarem do lugar que ocupo, com orgulho, nas vozes de quem sabe o quão difícil é para nós chegarmos nas posições de poder.

Carrego a periferia e a cultura popular dentro de mim. Carrego o ebó de voz de minha mãe. Trago comigo o dialeto periférico, que molda minha fala e meu ser. Meu corpo ocupa espaços e revela, com firmeza, quem sou e de onde vim. A Escola da Árvore, com toda a sua insurgência em simplesmente existir, reafirma essa trajetória, tornando-me grande.





S E M I N Á R I O

EDUCAÇÃO INSURGENTE

Programação

16 de outubro | Quinta-feira

8h30 às 9h – Roda inicial

Local: Auditório Esperança Garcia –
Faculdade de Direito (FD), Universidade de
Brasília (UnB).

9h às 12h – Roda de Conversa

*Educação não é mercadoria. Com Christian
Laval e Catia Devechi (mediação)*

Local: Auditório Esperança Garcia –
Faculdade de Direito (FD), Universidade de
Brasília (UnB).

10h às 10h30 – Quintal e lanche

Local: Faculdade de Direito (FD),
Universidade de Brasília (UnB).

12h às 13h30 – Almoço

13h30 às 16h – Roda de Conversa

*Especial, inclusiva e tantos outros adjetivos:
o que realmente envolve uma educação para
todos? Com Mariana Rosa, Talita Delfino e
Davi Contente (mediação)*

Local: Auditório Esperança Garcia –
Faculdade de Direito (FD), Universidade de
Brasília (UnB).

16h às 16h30 – Quintal e lanche

Local: Faculdade de Direito (FD),
Universidade de Brasília (UnB).

16h30 às 18h30 – Oficinas

Local: Faculdade de Educação, UnB

15 de outubro | Quarta-feira

"Tirem os sapatos e pisem no chão"

*Visita à Escola da Árvore em 2 turnos: Manhã
ou tarde de imersão*

Turno 1: 9h às 12h

Turno 2: 14h às 17h

Local: Escola da Árvore

18h30 – Abertura Institucional

*Escola da Árvore, Reitoria da UnB, Diretoria
da Faculdade de Educação/UnB, FAP-DF e
FINATEC*

Abertura Temática

Por que Educação Insurgente?

Com Leticia Araújo e Gersem Baniwa

Local: Auditório Esperança Garcia –
Faculdade de Direito (FD), Universidade de
Brasília (UnB).

17 de outubro | Sexta-feira

8h às 8h30 - Roda inicial

Local: Auditório Esperança Garcia –
Faculdade de Direito, UnB

8h30 às 10h30 - Roda de Conversa

Rupturas Necessárias: PPPs Contra o Racismo e o Conforto Branco. Com Vanda Machado, Denise Botelho e Roberta Eugênio (mediação)
Local: Auditório Esperança Garcia –
Faculdade de Direito (FD), Universidade de
Brasília (UnB).

10h30 às 11h - Quintal e lanche

Local: Auditório Esperança Garcia –
Faculdade de Direito (FD), Universidade de
Brasília (UnB).

11h às 13h - Roda de conversa

Tecnologias para o bem comum na educação: Resistência contra assombrações, fantasmas e mitos digitais. Com Andressa Pellanda, Nelson Pretto e Tel Amiel (mediação)
Local: Auditório Esperança Garcia –
Faculdade de Direito (FD), Universidade de
Brasília (UnB).

13h às 14h30 - Almoço

14h30 às 16h30 - Roda de Conversa
Transitando Saberes: Gênero, raça e educação em diálogo. Com Valdecir Nascimento e Fábio Felix (mediação)
Local: Auditório Esperança Garcia –
Faculdade de Direito (FD), Universidade de
Brasília (UnB).

16h30 às 17h30 - Quintal e lanche

Local: Faculdade de Direito (FD),
Universidade de Brasília (UnB).

Programação especial:

18h às 22h - Noite Insurgente

Artistas:

DJ Flávia Aguiar

Grupo Cultural Pé de Cerrado

Coletivo Sambadeiras de Roda

Local: Bar Pardim – Beira Lago, Minas
Brasília Tênis Clube (SCEN Trecho O3
Conjunto O6 – Plano Piloto)

Os ingressos para a Noite Insurgente estarão
disponíveis para venda ao público externo.

18 de outubro | Sábado

8h30 às 9h - Roda inicial

Local: Auditório Esperança Garcia –
Faculdade de Direito (FD), Universidade de
Brasília (UnB).

9h às 11h - Roda de Conversa

Nunca fomos humanos: Educação Ambiental multiespécie, a fricção da vida e os mundos comuns. Com Isabel Cristina de Moura Carvalho, Marcos Sorrentino e Rita Silvana (mediação)
Local: Auditório Esperança Garcia –
Faculdade de Direito (FD), Universidade de
Brasília (UnB).

11h às 11h30 - Quintal e lanche

Local: Faculdade de Direito (FD),
Universidade de Brasília (UnB).

11h30 - Encerramento deste encontro insurgente

Show de Mateus Aleluia

Local: Auditório Esperança Garcia –
Faculdade de Direito (FD), Universidade de
Brasília (UnB).



[www.escoladarvore.com.br/
educacao-insurgente](http://www.escoladarvore.com.br/educacao-insurgente)



escola da
ÁRVORE 10 ANOS





Dez anos que não cabem num documento

O projeto político-pedagógico da Escola da Árvore é mais que papel: é prática viva que se projeta para a próxima década

POR BRUNA SERRA

Educar é sempre um ato político. A Escola da Árvore, que completa dez anos em 2025, faz desta afirmação a espinha dorsal do seu projeto pedagógico. É sobre vida coletiva: cada decisão sobre currículo, tempo, espaço e relações define o tipo de sociedade que se deseja construir. Assumir tal premissa é se insurgir contra a ideia de neutralidade escolar, é reconhecer que não existe educação sem escolhas políticas. Ao colocar a diferença como regra, a natureza como fundamento e o movimento como expressão, a escola reafirma que educar é também reinventar o mundo.

"Não é um projeto político partidário, é um projeto de vida coletiva", define Leticia Araújo, diretora e fundadora. "Nosso projeto político-pedagógico é a bússola ética que sustenta a escola, mais do que qualquer documento formal. Ele nos obriga a responder: A serviço de quem estamos? Com quem caminhamos? Que mundo queremos produzir?", provoca o sócio-fundador da escola, psicólogo e pesquisador Davi Contente. Essa convicção atravessa o cotidiano. Na Escola da Árvore, política é sinônimo de vida que se organiza para o comum, de estruturas que sustentam ou oprimem, de práticas que constroem justiça social ou exclusão.

A escolha política se revela em cada gesto pedagógico. O currículo não se limita a conteúdos fragmentados: é tecido nas rodas de conversa, nos trabalhos coletivos, nas danças e nas experiências com a terra. As salas não estão isoladas do quintal; a aprendizagem acontece no contato com a agrofloresta, na encenação improvisada, na escrita coletiva, na escuta das histórias que chegam pela comunidade. "A criança aprende tanto ao escrever uma palavra quanto ao plantar uma muda na agrofloresta. Não existe hierarquia entre o saber intelectual e o saber do corpo, da terra, do convívio", explica Nathália Campos, Diretora Administrativa.

Tal visão altera o que se entende por currículo. Não se trata de encaixar a diversidade em estruturas preexistentes, mas de partir dela como prin-



O futuro começa no chão

cípio fundador. “Não é sobre criar anexos ou adjetivos como inclusiva ou especial. É sobre desmontar a lógica que define quem é ‘normal’ e quem deve ser ‘incluído’. Aqui, a diferença é o ponto de partida”, diz Leticia. A inclusão, assim, deixa de ser gesto benevolente e se torna ato político: não é “trazer para dentro” quem estava de fora, mas reconstruir a escola desde as bases para que ninguém precise pedir licença para existir.

Para Davi, insurgir na educação é também insurgir no cuidado. Ele enfatiza que não se trata de proteção paternalista, mas de compromisso com a existência inteira de cada criança. “A escola não é feita apenas de consensos. O conflito é parte do aprendizado. Cuidar é criar espaço para que cada criança diga de si, sem precisar pedir licença para existir.” Mais adiante, é ainda mais incisivo: “A Escola da Árvore nasceu de um embate com o Estado. Não é uma instituição pacificada; ela se forja em tensão, porque tensionar é também educar.”

Esse modo de compreender o cuidado faz com que racismo, capacitismo e desigualdade não sejam tratados como temas periféricos, mas como conteúdos centrais de formação. A democracia, aqui, não é ensinada por meio de regras abstratas, mas vivida nas tensões que atravessam a rotina. É também nesse cotidiano que se concretiza uma prática rara: “redistribuir capital cultural”, como define Davi. “As crianças têm direito a repertó-



Aprender é colher o que se cuida junto

rios diversos — da cultura popular à literatura universal — e nosso papel é garantir esse acesso sem hierarquizar.”

Essa prática cotidiana nasce de uma aposta: é possível reinventar a escola para além de sua herança colonial e excludente. A cada turma, a cada roda, a cada plantio, a escola demonstra que insurgir não é um gesto pontual, mas compromisso cotidiano, feito de pequenos embates que abrem espaço para outras formas de aprender e conviver.

Se o projeto político-pedagógico orienta, o espaço sustenta. A Escola da Árvore está na Serrinha do Paranoá, um território vivo, repleto de histórias de resistência e contradições. Estar ali não é mero endereço, mas identidade. A agrofloresta é exemplo dessa pedagogia enraizada. Mais do que produzir alimentos para a comunidade escolar, ela ensina cuidado, coletividade e futuro. Plantar, colher e cozinhar são tão pedagógicos quanto escrever e calcular. O espaço não é cenário, é ferramenta.

“Não existe escola insurgente sem comunidade”, lembra Nathália. Famílias participam do cotidiano, saberes locais atravessam as aulas, projetos ultrapassam os muros. Essa relação, feita de apoio e também de tensões, mantém a escola ligada à vida que a cerca. Houve momentos em que o modelo parecia inviável, quando as incertezas sobre sua sustentabilidade se impunham. Foi a comunidade que devolveu força: no engajamento



Entre panelas e risadas, o currículo ganha cheiro e corpo

das famílias, na partilha de responsabilidades, no reconhecimento de que a educação só floresce em vínculos vivos.

Esse vínculo com o território também atravessa a subjetividade das crianças. Andar descalço no quintal, plantar uma árvore, partilhar um alimento colhido na hora são experiências que ensinam sobre pertencimento, interdependência e cuidado com a vida em todas as suas formas. A ética da natureza, do movimento e da diversidade — princípios do projeto pedagógico — se materializa em cada corpo em roda, em cada gesto de cultivo, em cada diferença assumida como constitutiva. A educação insurgente, aqui, não é discurso abstrato, mas corpo em prática.

Dez anos de história também trazem memória. A escola não nasceu pronta: precisou experimentar, ajustar, enfrentar dúvidas, reafirmar convicções. As primeiras turmas revelaram os limites de adaptar currículos rígidos a uma realidade viva. Foi no processo, e no encontro com a Serrinha, que a radicalidade se consolidou. Assumir o território significou assumir suas contradições — e aprender com elas.

Hoje, ao olhar para o futuro, a Escola da Árvore projeta os próximos dez anos como tempo de aprofundar vínculos, consolidar sua pedagogia e expandir sua capacidade de inspirar outras experiências. Perguntar pelo futuro é perguntar também pelo Brasil que queremos. Para Nathália, a palavra é coragem: coragem para sustentar escolhas insurgentes diante das



O mural não guarda lembranças — pulsa

pressões de um sistema normativo. Para Davi, a palavra é cuidado: garantir que crianças e famílias possam atravessar crises sem perder a capacidade de sonhar. Para Leticia, a palavra é comunidade: nenhuma escola pode existir sozinha, isolada.

Essas palavras não são apenas desejos, mas compromissos políticos. Ao reivindicar coragem, cuidado e comunidade, a escola afirma que educar não é neutralidade, mas disputa. O futuro não está garantido: depende da capacidade de sustentar práticas insurgentes, de ampliar alianças, de enfrentar desigualdades.

Dez anos depois, a Escola da Árvore mostra que um projeto político-pedagógico insurgente não é teoria. É quintal, corpo, roda e agrofloresta — movimento que celebra a diferença em convivência. É escola que persiste em mostrar que o mundo pode ser recriado a cada dia — e que o futuro da educação brasileira precisa brotar das raízes da comunidade, da natureza e da coragem de insurgir.

Cartas das crianças



A RUA
MAÇO



O que é a Escola da Árvore?
Para mim é um lugar
onde que imito a natureza
para amigos e coisas
de vida.



a escola da árvore é
um lugar que não é
igual a escolas
públicas e não
tem recato, sim, tem
qualidade.



"NICO, AKIN E PAPAI"
(DE 10 ANOS E 11 MESES)

Nina Costa Rodrigues da Fonseca
Augusto
10/25

O que é a Escola da Árvore para você?

A Escola da Árvore é como um
segundo lar para mim, um lugar de ac-
colhimento, respeito e liberdade. Onde as crian-
ças e professores podem se expressar e
ser do jeito que são.
Um lugar onde podemos aprender melhor
sobre o lugar onde vivemos.

O que é a Escola da Árvore para você?

Para mim a Escola da Árvore é legal
porque é no meio da natureza.
Cada um tem o seu jeito de ser e que
querer de aprender de forma diferente.
Dependendo da natureza ali que é legal.



EU GOSTO
Muito



O que é a Escola da Árvore para você?
Para mim a Escola da Árvore é mais
legal que as outras porque
temos mais coisas diferentes
e todos os dias é organizado de
diferente.

O que é a Escola da Árvore para você?
Quando fui acolhida por ela
fiquei na árvore
da para brincar.
Trabalhamos a
natureza e a
saúde daqui.



QUINTA



Bra mim, escola da gente é um
lugar muito bom. Eu gosto de
estar sempre estudando e
aprendendo muito com diferentes
materiais. Quero que a escola
seja muito feliz.



"MEUS LIVROS, MEUS AMIGOS E A ISA TAMBÉM."

E EU GOSTO DE BRINCAR NO
BALANÇO."

in L. Borges de Almeida

O que é a Escola da Árvore para você?

A escola é como se fosse
uma casa pra mim. Eu gosto de
falar das brincadeiras, das aulas
principalmente de Matemática, tam-
bém das pessoas e da comida.



A escola para mim é um lugar
muito bom. Eu gosto de
estudar e aprender.

O QUE É A ESCOLA DA ÁRVORE PRA VOCÊ?

(MIRINDIBA VESPERTINO)

JOÃO GLEBIEL

O que é a Escola da Árvore para você?

A Escola da Árvore pra mim
é um lugar de aprender, estudar,
comer, brincar, fazer coisas legais.

Quando cheguei na escola, percebi que
diferente, ela me acolheu. Como se eu
tivesse conhecido há muito tempo.
Eu gostei de estar ali, de aprender,
de fazer coisas novas. Eu gostei de
estar ali, de aprender, de fazer coisas
novas. Eu gostei de estar ali, de aprender,
de fazer coisas novas.

A escola sempre esteve de portas abertas para a vida.



MALU KRIGGER

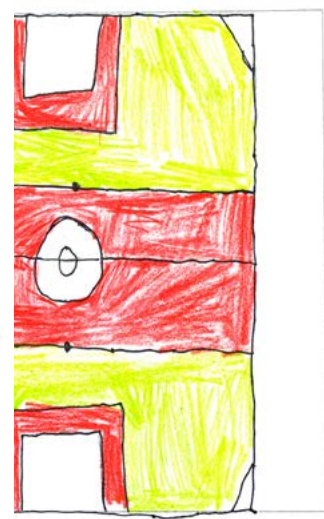
O que é a Escola da Árvore para você?

Na Escola da Árvore eu sou feliz.
Gosto de brincar no parquinho de areia.



O que é a Escola da Árvore para você?

Nas outras escolas eu não me sentia aco-
lhida e não tinha amigos. Mas aqui é o oposto disso, aqui
eu me sinto livre com os pés descalços a gente corre,
brinca, pula, colhe fruta do pé e joga jogos. Para mim, essa
escola é incrível, aqui eu me sinto muito melhor, aqui
eu me sinto livre.



O que é a Escola da Árvore para você?

Quando cheguei na escola, fui bem
acolhida. Eu gostei de estar ali, de aprender,
de fazer coisas novas. Eu gostei de estar ali,
de aprender, de fazer coisas novas.



"COCOR"

Dez anos em muitas vozes

POR LUDIMILA MOREIRA

Famílias, educadores e crianças compartilham suas experiências na Escola da Árvore — um território de cuidado, aprendizagem e vida em comum.

Ao completar uma década de vida, a Escola da Árvore decidiu ouvir quem a habita: famílias, educadores, crianças e ex-alunos. Este texto é um mosaico de depoimentos que compõem o retrato afetivo da escola. Cada voz revela um modo de viver o aprendizado, o cuidado e a convivência. Juntas, formam a narrativa coletiva de um projeto pedagógico que entende a educação como ato político e amoroso — feito de escuta, partilha e chão.



“Depois de um ano difícil em uma escola tradicional, encontramos na Escola da Árvore um lugar de reconstrução. Aqui, as crianças são cuidadas com verdade e partilha. Aprendem sendo quem são, respeitando e construindo juntas.”

Fernanda Fernandes Ribeiro, publicitária e mãe de Benício — Itararanga) e Ícaro — Faveiro



“Chegar à Escola da Árvore foi como realizar um sonho. Cada celebração me emociona pela força e beleza das crianças. É uma escola viva, feita de muitas pessoas e sonhos compartilhados — uma escola do Cerrado e de suas renovações.”

Tchela Masso, professora da UnB e mãe de Isaac — Faveiro



Na Escola da Árvore, tudo tem sentido: a simplicidade do mobiliário, a amplitude dos espaços, as árvores e galhos, os lanches e a partilha; as bolsas e os chamados à comunidade; a poesia, base da alma; e os desafios, base da vida.

Por Roberta Eugênio, advogada e mãe da Maná — Guapuruvu



História e pertencimento se confundem. Bia cresce entre afetos, cheiros e vínculos que a escola ajudou a formar. Com ela, cultivamos amor, natureza e esperança. Vida longa à Escola da Árvore.

Hamilton Barreto, Psicólogo
Pai da Beatriz — Duguetia.



“Saber que minhas filhas passam o dia ao ar livre me acalma. A Escola da Árvore vive o que ensina: festas sem descartáveis, cuidado com o Cerrado, arte espontânea, liberdade e pertencimento. É uma escola que educa com amor e coerência.”

Elaine Milazzo, musicista, mãe de Mari — Angelim, Mayu — Embaúba e Yumi — Guapuruvu

Território vivo: a educação que resiste e reinventa

Do Festival Cazumbá às expedições pela agrofloresta, o currículo insurgente da Escola da Árvore tece ancestralidade, arte e tecnologia em um projeto coletivo de consciência e transformação social.

POR LUDIMILA MOREIRA





A escuta atenta das crianças, o corpo em movimento da comunidade escolar, a ancestralidade como cicerone e catalisadora de ética e de alteridade, a natureza como parte constitutiva de nós mesmos e território irradiador de sabedoria. Fundam-se em pulsão e em correspondência com as vozes convidadas, memórias vividas do 1º Festival Cazumbá. Convergem pedagogias contracoloniais da Escola da Árvore.

A transmissão e a partilha de afetos e de culturas afro-brasileiras têm sido uma forte e perene diretriz pedagógica nessa escola. Fazem parte da composição do cotidiano e do imaginário escolar durante todo o ano letivo com nosso currículo insurgente. Em festividades como o Cazumbá, temos a vivência de uma experiência dialógica com várias manifestações culturais de autorias negras e indígenas. Ao se corresponderem com esses objetos artísticos, nossos/as estudantes se investem de consciência e de celebração histórica. Mantêm acesa a filiação afetiva e cognitiva iniciada com professoras e professores no transcorrer do ano sobre o protagonismo dos povos originários e negros de nosso país.

As linguagens em cena e os movimento dos artistas da Capoeira, das Sambadeiras de Roda, do Maracatu e do Rap despertam, para além do senso de admiração e de respeito de crianças e de adolescentes, um desejo de aprendizado e de pertencimento. Esse desejo empreende uma torção na economia de circulação de bens simbólicos e patrimônios imateriais em nossa sociedade.

Entre cartografias lúdicas e inventário científico do nosso bioma Cerrado, crianças, adolescentes e educadores traçam caminhos de fantasias, de utopias e de realismos. Em expedições pelo quintal, incursões pela agrofloresta e também pelas miradas de pesquisa das atividades de extensão, conquistam novas leituras e olhares sobre nosso Cerrado.

Ir a campo nessa escola é sempre uma aventura. Aglutina o ânimo etnográfico dos/as estudantes e a pedagogia freiriana de professores e de professoras sensíveis aos contextos da turma e de nossa agoridade histórica. Tem em vista os processos dialéticos de construção de mundos pela conexão entre teoria e prática, fomentando autonomia e libertação de nossos/as alunos/as.

Um mosaico de andanças se alarga a cada semana, mês e ano. Conta



O futuro tem nome e a resposta somos nós. Crianças em luta pelo futuro em harmonia com a natureza e seus saberes.

com trilhas e cachoeiras, passeios a parques, museus, galerias, bibliotecas e teatros. Em alguns registros, podemos avistar crianças e jovens, acompanhados de suas famílias e de funcionários da escola, restaurando a estrada de chão que liga a região do Urubu à pista asfaltada do Lago Norte. O coletivo aqui remove lixo e move desejos de conexão entre sociedade e bem comum.

Em contraponto à escola tradicional, historicamente concebida entre o misto de internato e de fortaleza, um espaço disciplinar, fechado por muros, onde o conhecimento é veiculado em disciplinas compartimentadas, a Escola da Árvore surge como irradiadora de encontros. É um ecossistema hospitaleiro, aberto às conexões com o meio acadêmico, artístico e comunitário. É um território vivo onde o saber não se acumula, mas flui em direções múltiplas. Das parcerias e das trocas não monetárias de famílias que oferecem serviços à escola, como aulas

de xadrez, de música, de jiu-jitsu, ao envolvimento da comunidade escolar em causas de grupos minoritários. Lutas por maior representatividade de negros e de indígenas, por preservação ambiental e por justiça climática derivam dessa ética insurgente.

Ainda hoje reverbera o dito de alguns estudantes depois da visita de crianças e suas famílias indígenas que estavam no Acampamento Terra Livre e ficaram dois dias inteiros na escola: "Nós não vamos esquecer nunca." Sensibilidades em partilha, curiosidade aguçada das crianças anfitriãs e dos visitantes. As mãos se entrelaçam na dança, nas pinturas. As histórias compartilhadas. Os olhos atentos ouvindo a história da Cobra Canoa. Uma escola reaprendendo a ser filha da Terra, como pontua Daniel Munduruku em sua obra.

As linhas de força — Natureza, Movimento e Diversidade — compõem um currículo insurgente que não tem como ponto de partida apenas os conteúdos oficiais. Ganha primazia



Protagonismo dos saberes das culturas populares, das famílias e de estudos que lidam com a educação libertadora. Como o mundo surgiu?

na elaboração das ações pedagógicas a ideia de práxis na educação, como ação e reflexão, com vistas à conscientização ambiental e racial para a transformação social.

Daí o protagonismo dado aos saberes das culturas populares, das famílias e de estudos que lidam com a educação em sua verve libertadora. Uma educação que vê, na intersecção entre arte, esporte e conteúdos de várias disciplinas, um potencial revolucionário para mobilização e intervenção na História. Constrói autonomia e emancipação para as subjetividades de estudantes e da comunidade escolar.

Um currículo insurgente atua como dispositivo crítico. Reconhece tanto a perda da capacidade de imaginar e narrar — sintoma de uma pós-modernidade que elege progresso e consumo como constitutivos do sujeito — quanto a capacidade de uma comunidade escolar de resgatar o poder da imaginação e da narrativa. Isso serve para a composição, a

estruturação e a transmissão de conhecimentos científicos, artísticos e de nossas experiências humanas.

Um desafio crucial desse currículo é articular as epistemologias decoloniais — sobretudo as advindas das lutas ecológicas, antirracistas e feministas — diante das crises do antropoceno e das desigualdades sociais do mundo contemporâneo. Faz isso pelo resgate e pela valorização de conhecimentos ancestrais e de práticas pedagógicas que fomentem a autonomia e a consciência crítica dos estudantes.

Outro ponto constitutivo desse currículo é a resignificação do conceito de comunidade escolar. Por ser coletivo e social, mira na integração da educação com o meio ambiente, as artes (artesanato, dança, teatro), os jogos, os esportes e a tecnologia. Faz isso em uma associação que prioriza o senso de colaboração, a criatividade e as habilidades motoras e socioemocionais na descoberta e no manejo de conceitos da História, da Ciência, da Mate-



Corpos atentos à terra e às texturas do Cerrado — um aprendizado que nasce das mãos e floresce nos sentidos.

mática, das Linguagens e de outras fontes de conhecimento.

Ao atualizar a tradição progressista de debates ecológicos sobre sustentabilidade, a Escola da Árvore, em parceria com o Meta Maker, ensina robótica e eletrônica com o uso de sucata e de componentes reciclados. Constroem-se projetos que transformam aprendizado de reciclagem em invenções reais. Os estudantes percorrem uma jornada de educação ambiental e tecnológica. Ganham autoria tanto no ofício da marcenaria quanto na criação de objetos elétricos. Transformam um ventilador em drone, um óculos em objeto tecnológico feito de sucata ou parafernália de computadores velhos em robôs espetados.

Da miríade de atividades lúdicas, artísticas, pautas ambientais, políticas e ações pedagógicas que compõem um currículo, o senso de pertencimento à natureza é um dos movimentos mais bonitos de se acompanhar. Está na trajetória de cada turma e de cada estudante.

A Festa do Campo, que marca a chegada das férias do meio do ano letivo, é um

festejo que elege temas caros à construção de uma cosmovisão coletiva. Está interessada na ancestralidade e na alteridade como alicerces. Diferentemente das estereotipadas festas juninas, que emulam uma festa na roça representando trabalhadores rurais com roupas remendadas e dentes apodrecidos, nossa Festa do Campo celebra a cultura popular brasileira sem estilizações ou fetichismos.

Enquanto as escolas tradicionais se voltam a uma pedagogia conteudista e hegemônica, em busca de um conhecimento fragmentado e enciclopédico — aquilo que Paulo Freire nomeou educação bancária — o currículo insurgente dessa escola mira na construção de vínculos amorosos com o planeta Terra. Conquista e transmite conhecimentos dialéticos. O conhecimento, para um currículo insurgente, não adquire feição material ou simbólica de mercadoria. Tem corpo de singularidades em território coletivo. Pulsa para adiar o fim do mundo, como expõe Krenak em suas falas e livros.



O corpo como território de pensamento: dançar, cantar, plantar — tudo gesto de resistência, de presente e de futuro.

Revi recentemente o vídeomanifesto Concreto: pela defesa do Cerrado com minhas filhas Lena e Laura, alunas das turmas Hibisco e Jenipapo. Me emocionou como elas comentaram sobre a importância da preservação da Serrinha do Paranoá, região onde fica a Escola da Árvore. Lena lembrou a figura mitológica da Jacundá, ser protetor da água, e a dança feita por sua turma na Festa do Campo, invocando proteção para as nascentes da Serrinha. Invocações, cartazes, manifestação na estrada de terra e até a entrega, pelas turmas Faveiro, Caliandra e Angelim, de um manifesto e uma cesta de alimentos plantados e colhidos na escola. Foi um gesto para dialogar com a ministra Marina Silva sobre a defesa da Serri-

nha do Paranoá, lugar onde construímos, dia a dia, nosso olhar de igualdade com a natureza.

Se o conhecimento aqui não assume valor de consumo e de competição, vale lembrar como ele constrói raízes e morada na subjetividade dos/as estudantes. Torna-se linguagem viva de saber e de sentimentos. Um currículo também é feito de memórias. Elas são acesadas por fotografias e vídeos no Instagram, pelos relatórios feitos com carinho e força poética por professoras e professores, pelas conversas entre famílias e amigos nessa grande espiral de acontecimentos que é a rotina da Escola da Árvore.



A comunidade escolar: gesto político de escuta, celebração e continuidade. Dez anos de raízes que crescem para o alto — a Escola como floresta em permanente brotação.

Insurgir é presumir potência

Mariana Rosa fala sobre sua trajetória como pesquisadora, ativista e mãe, e aponta caminhos para transformar a escola em um espaço vivo, onde a diferença não é exceção, mas fundamento da educação.

POR BRUNA SERRA

Mariana Rosa não fala da educação a partir de um único lugar. Sua vida é feita de entrelaçamentos: jornalista, pesquisadora, ativista, mulher com deficiência e mãe da Alice, ela leva para cada espaço o corpo, a palavra e a ação como instrumentos de transformação. Para ela, insurgir na educação não é escolha — é tarefa histórica.

Nesta conversa, Mariana nos convida a olhar de frente as fissuras de um modelo escolar ainda marcado pela herança colonial, pela exclusão de estudantes com deficiência, negros, periféricos, indígenas e quilombolas. Ela fala sobre como os rótulos de “educação especial” ou “inclusiva” não dão conta de

uma escola que precisa reinventar-se desde as bases. Compartilha práticas insurgentes em andamento, como a formação “Junta” do Instituto Cáue, e aponta experiências freireanas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) como faróis de emancipação.

Ao longo da entrevista, Mariana também revela as tensões de sustentar essa prática em sistemas normativos, denuncia a sutileza do capacitismo institucional, aponta caminhos para que políticas públicas deixem de ser barreiras e se tornem aliadas e, ao final, oferece gestos concretos que educadores e educadoras podem começar a fazer já. Com ela, a insurgência deixa de ser conceito abstrato e se torna convite vivo: reconstruir a escola como espaço de justiça, pluralidade e boniteza.

1. Mariana, você vive a educação insurgente como pesquisadora, ativista e mãe da Alice. Como essas três dimensões se entrelaçam e dão forma ao seu jeito de insurgir na educação?

Eu não vivo essas três dimensões em gavetas separadas. Ser pesquisadora, ativista, mulher com deficiência e mãe da Alice são experiências que me compõem e atravessam o tempo todo, convocando um modo de estar na educação. A pesquisa me dá ferramentas para ler o mundo, disputar os modos de incidir sobre ele, de recriá-lo. A militância me dá base e direção, porque é o que nos situa na coletividade e no combate às opressões. E ser mulher com deficiência e mãe de uma menina com deficiência me dá senso de urgência e coragem. Esses três lugares se entrelaçam num compromisso ético e afetivo de trabalhar pela educação emancipadora, que reconhece, respeita e valoriza a diferença, e combate as desigualdades por meio da promoção da assunção de um pensamen-



Insurgir é compromisso cotidiano: pequenos embates que abrem caminho.

to crítico e situado. A insurgência, para mim, é isso: colocar o corpo, a palavra, a ação e a radicalidade do princípio ético anti-opressão no mesmo caminho.

2. Houve um momento decisivo em que você percebeu que a única saída era romper com o modelo escolar vigente e apostar em práticas insurgentes?

Não foi um momento único, como se uma chave virasse de repente. Foi um acúmulo de fissuras, de cenas que escancaram os problemas basilares e estruturais da escola, de herança colonial e excludente. A naturalização da segregação dos estudantes com deficiência, a persistência da evasão — melhor dizer, expulsão — dos estudantes negros e periféricos, as perspectivas indígenas, quilombolas, do campo e da deficiência sendo tomadas como “especializadas” em nome da manutenção de um suposto “universal” na educação. Quando a gente percebe que o que se chama, arbitrariamente, de normal na sociedade é tomado como

natural (logo, o que não é considerado normal, não é natural); e quando o que se reivindica como categoria “universal” é assumido como neutro; nessa hora a gente tem que dar mesmo o grito. A experiência da deficiência, da maternidade e da militância certamente aceleraram e intensificaram esse processo. Romper com esse modelo não é uma escolha; é uma tarefa histórica do nosso tempo.

3. No seminário, você questionará rótulos como “educação especial” e “educação inclusiva”. Por que uma educação insurgente precisa ir além desses adjetivos e criar outros modos de nomear e viver a escola?

Porque esses rótulos, embora sejam importantes para reivindicar avanços, carregam a marca de um modelo que ainda separa, enquadra e hierarquiza. Essa lógica funciona para delimitar quem está dentro e quem está fora, quem pertence “por direito” e quem precisa “ser incluído”, como se houvesse um grupo naturalmente preestabelecido a quem coubesse definir quem será incluído. A educação insurgente não quer operar dentro desses limites — ela quer subvertê-los. Não se trata apenas de mudar a adjetivação, mas de mudar o substantivo da escola, de transformar as relações, as práticas e as estruturas que produzem exclusão. Criar outros modos de nomear e viver a escola é também criar outros modos de imaginar o mundo. É dizer que a diferença não é um apêndice a ser encaixado, mas um princípio fundador da educação. Por isso, insurgir é inventar linguagem, mas também inventar práticas e políticas que correspondam a essa linguagem.

Essa lógica funciona para delimitar quem está dentro e quem está fora, quem pertence “por direito” e quem precisa “ser incluído”

4. Quando a inclusão deixa de ser um gesto de acolhimento e passa a ser um ato político insurgente, o que muda na relação entre escola, estudantes e comunidade?

Quando a inclusão é tratada como gesto de acolhimento, corre o risco de ficar no campo da boa vontade, algo que depende da empatia ou da disposição benevolente. Neste lugar, a escola pode até abrir as portas, mas mantém a lógica de que algumas pessoas estão “entrando” num espaço que não lhes pertence. Quando a inclusão se torna um ato político insurgente, muda o ponto de partida. Não é mais sobre “trazer para dentro” alguém que estava fora, mas sobre reconstruir a escola desde as bases, de modo que ninguém precise pedir licença para existir. A relação com estudantes e comunidade deixa de ser de concessão e passa a ser de corresponsabilidade e transformação mútua. Isso muda tudo: os currículos, os tempos, os modos de aprender e ensinar, o que se considera conhecimento legítimo. A escola deixa de ser guardiã de um modelo único e passa a ser um espaço vivo, permeado por conflitos e negociações, mas onde a diferença não é tolerada, e sim constitutiva.



A convivência como prática pedagógica: na Escola da Árvore, aprender é caminhar lado a lado.

5. No Instituto Cáue e em outras experiências, quais ações ou projetos você considera exemplos vivos de educação insurgente, capazes de transformar a forma como aprendemos e convivemos?

No Instituto Cáue, temos uma ação formativa chamada “Junta”, que é um percurso voltado para familiares de pessoas com deficiência em idade de escolarização. Realizamos uma série de encontros online para discutir os direitos das pessoas com deficiência, especialmente no que diz respeito ao acesso à educação escolar, ao combate ao capacitismo e aos princípios, fundamentos e práticas inclusivas. A partir desses encontros, formamos uma comunidade que leva esse aprendizado adiante em suas cidades e escolas, sempre com o objetivo de tensionar e enfrentar as disputas que, mesmo hoje, no século XXI, ainda persistem em torno do direito das pessoas com deficiência à escola. Considero que essa iniciativa é uma forma de pedagogia insurgente, porque se trata de uma formação de base. Buscamos garantir o acesso a uma educação emancipatória para todas as pessoas, sem discriminação, e contribuir para a tomada de consciência das famílias — que,

em geral, também foram socializadas em uma cultura capacitista e, muitas vezes, reproduzem essas práticas. O “Junta” é, portanto, um espaço para refletir criticamente sobre essas bases capacitistas que nos formam e, a partir daí, criar outras formas de convivência e de acesso à escola.

Destacaria outros exemplos?

Fora do Instituto Cáue, acredito que a Educação de Jovens e Adultos (EJA), inspirada na pedagogia freireana, é uma das práticas pedagógicas mais insurgentes que existem. É uma pedagogia situada e contextual, que valoriza os saberes dos sujeitos. O fato de alguém não saber ler e escrever não significa ausência de crítica ou incapacidade de pensar. Essas pessoas acumulam saberes valiosos ao longo da vida, em qualquer idade — seja na vida adulta, seja já na terceira idade. É a partir desses saberes, dessa leitura de mundo — como nos ensina Paulo Freire — que se criam as condições para a leitura da palavra. E essa leitura da palavra é sempre social e historicamente implicada, comprometida com os processos de emancipação e de liberdade. Para mim, essa é a essência da pedagogia insurgente.

6. A ética da natureza, do movimento e da diversidade é central na Escola da Árvore. Como essa filosofia amplia as práticas insurgentes para além da temática da deficiência?

Na Escola da Árvore, a ética da natureza, do movimento e da diversidade nos convida a perceber a vida em sua complexidade. Isso significa que não se assume a diferença como um "assunto restrito a este ou aquele grupo", mas como um princípio que atravessa todas as relações: humanas, não-humanas, culturais e ambientais. Essa filosofia amplia as práticas insurgentes porque desloca o foco de "adaptar" um sistema para certas pessoas e passa a questionar o próprio sistema. Ao reconhecer que a escola é parte de um ecossistema maior, aprendemos que a diferença não é exceção a ser administrada, mas regra que sustenta a vida. Essa perspectiva convida a transformar tempos, espaços, currículos e modos de convivência. Assim, insurgir passa a ser uma postura permanente de resistência a toda forma de homogeneização. É construir uma escola que se pensa em movimento, aberta às mudanças que a própria comunidade e a natureza pedem, e que entende a educação como parte de uma trama viva.

7. Na prática, insurgir é confrontar sistemas escolares que resistem à mudança. Quais tensões você enfrenta ao sustentar uma educação insurgente em ambientes ainda normativos?

Sustentar uma educação insurgente em ambientes normativos significa viver em constante tensão entre o que é possível fazer e o que é preciso transformar. A resistência não vem só das regras escritas, mas de uma cultura esco-

lar que valoriza a previsibilidade, a homogeneidade e o controle. As tensões aparecem no choque entre o tempo da escola e o tempo da vida, entre o currículo padronizado e os saberes que emergem das experiências concretas, entre a busca por participação e protagonismo e as estruturas hierárquicas que limitam essa participação. Muitas vezes, o desconforto não é apenas institucional: ele é pessoal, porque ao questionar práticas excludentes, você também expõe privilégios, certezas e rotinas estabelecidos. Manter-se nesse lugar exige negociar sem ceder nos princípios, encontrar brechas e criar alianças. É entender que insurgir não é um gesto pontual, e sim um compromisso cotidiano, feito de pequenos embates que, somados, abrem espaço para outras formas de educar e conviver.

"Insurgir não é um gesto pontual, e sim um compromisso cotidiano, feito de pequenos embates."

8. O capacitismo institucional costuma se esconder em gestos sutis. Como a educação insurgente pode expor e dismantlar essas barreiras sem perder o diálogo e o afeto?

O capacitismo institucional se manifesta de muitas maneiras: currículos que ignoram a deficiência como marcador social, rotinas apoiadas na normatividade compulsória do corpo, expectativas normalizadoras e arbitrárias, que aniquilam as singularidades. A educação insurgente expõe essas barreiras ao escancarar esses problemas e propõe pensar e

agir sobre eles. Mas dismantelar essas estruturas não significa romper com o diálogo; ao contrário. A insurgência se faz de maneira relacional: envolve abertura para o conflito e reconhecimento da humanidade de todas as pessoas, buscando uma transformação estrutural e profunda que vai emergir da confiança nas relações.

9. No Conselho Nacional de Educação, você ocupa um espaço estratégico. Como as políticas públicas podem deixar de ser barreiras e se tornarem aliadas da educação insurgente?

As políticas públicas frequentemente reproduzem lógicas de homogeneidade e universalidade que aprofundam desigualdades e obliteram a complexidade e a diversidade do nosso país. Para que deixem de ser barreiras e se tornem aliadas da educação insurgente, essas políticas precisam questionar os padrões homogêneos e universalizantes, e criar condições para o enfrentamento dos diversos contextos de desigualdades que atravessam os marcadores sociais de classe, raça, gênero, deficiência, entre outros. Isso envolve questionar o que conta como currículo, quem decide e como o saber circula, por exemplo. Políticas públicas insurgentes fortalecem práticas que reconhecem as diferenças que nos constituem e combatem as desigualdades que nos oprimem. Partem do princípio de que há diferentes formas de aprender, distintos tempos e modos de participação, e que a participação e a agência daqueles historicamente minorizados é condição essencial a processos democráticos e emancipatórios.

10. Pensando nos próximos dez anos — e na força política que uma prática insurgente pode ter —, qual é o Brasil que você imagina para a educação inclusiva?

Imagino um Brasil em que a escola presume competência de todas as crianças, jovens e adultos com deficiência e cria condições justas e dignas para o seu acesso, a sua participação e permanência.

11. Para quem deseja começar, qual é o primeiro gesto de insurgência que uma educadora, um educador ou uma gestora pode fazer já amanhã, sem esperar autorização, orçamento ou consenso?

Um primeiro gesto de insurgência, que não pede aval nem orçamento, é o de presumir competência. Esse é um gesto urgente. Isso significa olhar cada criança, jovem ou adulto, sobretudo aqueles com deficiência, partindo do princípio de que ela pode aprender, participar e contribuir. Essa mudança de postura desestabiliza o senso comum tão enraizado na escola. Outro gesto insurgente é criar as condições necessárias para que os estudantes possam dizer de si, de seus desejos e modos de aprender e se relacionar, valorizando o protagonismo de cada um, rejeitando a tutela e a objetificação. Isso desloca o centro da autoridade, distribui o poder e valoriza a dimensão da experiência na vida escolar.



A natureza, em vez de ser considerada um ambiente sujo, assustador ou incômodo, foi evocada como lugar de prazer e de encorajamento.

Agroecologia: *educador ambiental, agricultor do Cerrado ou parceiro da escola.*

Na escola das árvores, a vida ensina a partir das sinergias.

A chuva que cai sobre o Cerrado carrega o vapor d'água das florestas amazônicas, de onde nascem os rios voadores que navegam pela atmosfera. Suas gotas cá irrigam raízes profundas que criam alianças com fungos e bactérias do solo, oferecendo-lhes alimento e sendo retribuídas com nutrientes para seu

crescimento. Aprendemos que, fortalecidas em suas parcerias, as plantas se desenvolvem, criam corpo, complexificam sua própria matéria e interagem com outros seres a cada novo estágio. Flores aos polinizadores. Frutos à fauna. Sementes à terra. Assim, na dança cósmica entre os raios solares e as sombras



das anciãs, as novas gerações emergem e buscam lugares ao sol.

Há, na natureza, uma infinidade de elementos pedagógicos para construirmos saberes e pertencimento entre humanidades e meio ambiente. Na Escola da Árvore, nos dedicamos a produzir comida em sistemas agroecológicos biodiversos como meio de propiciar alimentos saudáveis para nossa comunidade e gerar impacto positivo em nosso ecossistema. A comida educa sobre o potencial de beleza e de sabores que resultam do trabalho humano em sinergia com as outras formas de vida. Ensina-mos que é a partir desta cooperação que um grão de milho

germina, cresce e frutifica. Com um repertório pautado pela valorização da sociobiodiversidade, instigamos as crianças a perceberem o território a partir dos múltiplos sentidos, com recursos literários, musicais e culturais que as apoiem conhecendo outras cosmopercepções do mundo. Assim, na nossa escola, o processo de letramento das crianças passa pelas agroflorestas, pela história e saberes dos povos originários, de modo que o reconhecimento da diversidade que constitui e sustenta a existência integra os pequenos e grandes passos dados na educação das infâncias.

Sofia Carvalho, mãe da Maria, Itararanga

Chinelos e Calçados na porta da sala – a aula já vai começar

Quão insurgente é uma escola que escolhe deixar os pés livres para aprender?

Caminhar sentindo o chão, fortalecendo a planta dos pés, é também um gesto pedagógico. Enraizar-se, perceber o terreno, tocar o tronco, afundar na areia, amassar o barro e mergulhar no riacho — assim crescem as crianças e jovens da Escola da Árvore. Pés livres pensam e sabem o lugar que ocupam.

Uma escola que pulsa movimento, onde saberes do mundo, da natureza e da vida se entrecruzam nas coreografias do cotidiano. Corpos que aprendem cedo que, em movimento, o conhecimento acontece — que corpo e espaço se transformam juntos. Quão insurgentes são os pés descalços na construção do caminhar?

Correr, balançar, chutar, girar, escalar, cheirar, saltar, pausar, ouvir, tocar, rimar, agachar, rolar, remexer, enxergar, espiralar, lançar, pulsar. Corpos em movimento abrem campos

para o imaginário, para invenções de mundos, para novas formas de se perceber nas relações e na produção de conhecimento.

Esses corpos não estagnam em certezas dadas: criam confiança no processo de aprendizagem. Aprendem cedo que essa escola é movimento.

Aqui, corpo, movimento e criação não são atividades complementares, mas parte do fluxo de aprender a ser e estar no mundo. Nesse tripé habita a essência da pedagogia insurgente, vivida entre árvores, cantos de trabalho e zonas de possibilidades, numa aprendizagem fluida em pertencimento à natureza.

Quantos insurgentes são os pés na Escola da Árvore? Quão insurgentes são no processo de alfabetização para a vida? Será possível pensar uma escola a partir dos pés? Boa parte

da comunidade concordaria: “Nessa escola, os pés pensam!”

E todo o corpo também: dedos, joelhos, bacia, pulmões, coração, costas — e, claro, a cabeça! Uma escola que fortalece o fluxo dos corpos em crescimento, em harmonia com o mundo e com os ciclos da natureza.

Refletir sobre a educação corporal da Escola da Árvore é entender que corpo e movimento são indissociáveis. As múltiplas relações de saberes nos corpos e pelos corpos definem as pedagogias que atravessam as práticas da escola.

Como pesquisadora da dança e mãe da escola, encontro aqui um lugar raro: onde o corpo é parte da inteligência coletiva e o movimento, linguagem de pertencimento.

Descobri que corpo e meio ambiente não se separam para aprender as coisas do mundo — especialmente dos mundos dos quintais. E fico feliz em saber que, na sexta-feira, será dia de receber pés vermelhos de solo fértil do cerrado da *Cerrinha do Paranoá*.

Fabiana Marroni, mãe do Davi, Itararanga.

A menina e a escola: Duas histórias que brotaram juntas

Bia e a Escola da Árvore nasceram no mesmo ano e eram ambas bebês quando se conheceram. Bia tinha recém iniciado seus primeiros passinhos pelo mundo e, assim como a Escola da Árvore, estava apenas começando uma vida que seria cheia de descobertas e caminhos a serem trilhados.

Com um pouco mais de um ano de vida, Bia e a Escola da Árvore foram se conhecendo e se permeando uma na outra. Mesmo sendo ainda um bebê (ou talvez por causa disso!), a Escola da Árvore já tinha seus encantos e sua maneira particular de contagiar sua comunidade.

E foi assim; em um balanço à sombra da árvore, vendo o movimento do galinheiro, que a Escola da Árvore abraçou aquela menininha tão pequena e a encantou. Dentro desse abraço, Bia foi crescendo e compartilhando com sua amiga Escola cada descoberta de um novo movimento, um novo sabor ou textura que moram na infinitude do seu quintal.

A Escola apresentou a Bia um mundo em que a árvore serve para pendurar balanço, mas também para dar frutos saborosos e que oferece galhos que levam as crianças às alturas!

Esse mundo novo que Bia conheceu com sua amiga Escola é também um mundo que circulam muitos afetos, desafios e sentimentos, com os quais ela vem aprendendo sobre a vida. A Escola sabe que nessa amizade não é só Bia que aprende, mas a menina também ensina seus encantos de gentileza e empatia para a amiga.

A Escola da Árvore nasceu do desejo de uma educação significativa, rompendo paradigmas e convocando a comunidade a trabalhar junto por um futuro melhor. Bia vem crescendo com esses ideais internalizados e, com sua doçura que lhe particular, nos mostra as possibilidades de um futuro que precisa ser compartilhado para fazer sentido.

Vida longa às duas!

Ana Clara Mendes, mãe da Beatriz, Duguetia

Hum... Natureza?

Entre muros e horizontes, o aprendizado de que natureza não se visita — se vive.

POR LETICIA DE ALMEIDA ARAÚJO

Natureza. Lugar, espaço, ambiente, bioma, estado de ser ou modo de interagir no mundo. Conceito sobre o qual, ao longo dos 50 anos que completo em 2025, só fui refletir e pensar há pouco. E você, já se fez essa pergunta? O que é natureza? Ou, talvez: alguém já questionou você sobre isso? Faço-lhe aqui um convite a essa reflexão.

Quando criança e mesmo na fase adulta, a natureza sempre esteve associada, para mim, à ideia de uma paisagem distante, à qual era preciso chegar. Existiria um deslocamento, um evento que me levaria à experiência de viver a natureza. Na infância, o zoológico era o lugar principal de encontrá-la, mas, mesmo ainda tão pequena, eu já me sentia desconfortável ao ver o elefante com uma corrente em uma das patas ou o leão em uma cela estreita, cujo chão ele marcava com seus passos, pra lá e pra cá. Não sei como o zoológico da Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro está atualmente. Nos anos 1980, ele deixava marcas, nos animais e nas crianças. O Jardim Botânico e outros parques se manifestavam também como um momento de pensar sobre esse conceito. Assim fui formulando a ideia de natureza que eu carreguei durante um longo período: ir à praia, à cachoeira, a trilhas, a acampamentos.

Essa visão estreita e utilitarista foi se modificando para um encontro mais próximo, cotidiano e ético com a vida em uma chácara em Brasília. Nesse lugar, entendi que não existe

uma natureza especial ou extraordinária para se encontrar; que ela pode estar mais perto do que imaginamos. Esse foi um passo importante para eu ir rompendo um padrão de pensamento antigo. Sentir o sol, por exemplo, é estar com a natureza. Fui entendendo que esse encontro só dependia do meu olhar e de minha disposição sobre mim mesma e sobre o mundo.

Outro ponto que destaco nessa minha inquietação e conversa sobre natureza foi a percepção de que muitas das pessoas que eu recebia na chácara, já adultas, demonstravam receio, falta de relação ou até mesmo medo de serem presença em um ambiente natural. Insetos, besouros, terra eram elementos que causavam e sugeriam desconforto, sujeira e medo, em alguns casos. Nesse caminho e morando nessa chácara, vi-me fundando uma escola em que um dos eixos centrais da Proposta Pedagógica se tornou Natureza. Esse tema, esse conceito que percebi tão distante na minha infância virou uma premissa necessária e fundamental para todas as crianças, estudantes e comunidade desse espaço escolar que nascia: a Escola da Árvore.

A natureza, em vez de ser considerada um ambiente sujo, assustador ou incômodo, foi evocada como lugar de prazer e de encorajamento. O espaço tratado como distante passou a ser convocado como ambiente de saúde e de organização do desenvolvimento humano

dentro da escola; um experimento de cheiros e de sabores, com suas árvores frutíferas espalhadas pelo quintal. Nessa escola, a criança, desde muito cedo, compreende que o tempo da natureza exige paciência; que, para além de qualquer pressa ou desejo imediato, existe a maturação do ciclo de cada etapa das estações e que o que nos resta é usufruir e aprender a nos relacionarmos com cada uma delas. Compreende que podemos conversar com uma árvore, com uma folha ou com a pedra na qual estamos sentados; que estamos integrados e que podemos nos fazer parceiros.

Conforme nos aponta Krenak: "Quando nós falamos que o nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: 'Isso é algum folclore deles'; quando dizemos que a montanha está mostrando que vai chover e que esse dia vai ser um dia próspero, um dia bom, eles dizem: 'Não, uma montanha não fala nada'". Retomar os saberes dos povos que estavam nessas terras antes de nós parece fazer muito sentido. Quando Krenak nos apresenta, nesse trecho, a importância que as montanhas e os rios ocupam em suas vidas, entendemos que esses são ensinamentos necessários, principalmente, em tempos nos quais a nossa permanência no planeta precisa de outras formas de coabitarmos e de estabelecermos relações.

Escola e natureza se estruturando no trabalho pedagógico cotidiano desmistifica o pensamento que limita a natureza a recursos ambientais. A ideia de escola integrada à natureza e a natureza integrada à escola colabora para ultrapassarmos a concepção de criança e natureza, de sujeito e natureza e tratarmos esta última como parte da cultura. A compreensão de que somos natureza e de que nos ajustamos a ela como organismos vivos nos ajuda a pensar sobre nossa própria permanência.

Brasília é uma cidade com horizonte amplo e aberto, disponível para todos os lados. O horizonte amplia o olhar, a capacidade de ver o mundo, alimentando imaginação e perspectivas de futuro sem que nos percamos do presente. Apesar disso, arquiteturas escolares hegemônicas se especializaram em

levantar muros, em bloquear horizontes, em criar espaços panópticos, estreitando o olhar das crianças e dos educadores. Por vezes, as escolas nas grandes cidades permitem que a criança veja o céu apenas por brechas, por fendas. Uma escola que tem a natureza como um dos seus eixos não permite que muros, grades e pisos cimentados sejam o cenário cotidiano da vida escolar. "O mergulho no diálogo entre sociedade e natureza, tomado como uma interação permanente em que as partes se modificam mutuamente, possibilita uma compreensão dinâmica dessa relação", diz Isabel de Carvalho, pesquisadora em Educação Ambiental. Assim como a cidade, a escola precisa seguir oferecendo paisagens, cenários de futuro, para que o presente se faça possível para seus estudantes. Compreendemos ser muito disruptivo tratar com nossas crianças, desde cedo, esses conceitos tão profundos. Acreditamos que suas compreensões e entendimentos sobre natureza se constituem com mais profundidade do que os daquela criança que achava que natureza se resumia ao zoológico.

Nesses dez anos, seguimos firmes nas palavras de Paulo Freire: "O mundo não é. O mundo está sendo." Aportados no compromisso ético e na história como processo em construção no presente ativo, convocamos-nos como educadores que se sentem comprometidos com o meio ambiente, com a natureza em seu sentido amplo, avistando outras possibilidades de alicerçar a prática da educação ambiental nas escolas. Para além de onde a escola esteja inserida, da faixa etária em que atua, avistar a natureza como eixo de diálogo com a comunidade escolar vai além de uma educação ambiental; é uma forma de posicionamento no mundo e garantia da nossa própria permanência como espécie.

Fiquemos com algumas pistas que Nego Bispo nos oferece por um mundo de mais envolvimento e de mais confluências. Aceitamos esse convite por acreditar que a educação pode ser o caminho para esse mundo mais sustentável e justo.



O mundo lá fora também é sala de aula, e o caminho ensina antes da chegada.

Adolescência, crítica e coragem: o que cresce no Fundamental II da Escola da Árvore

*No chão fértil do Fundamental II, a Escola da Árvore cultiva
rebeldia, pertencimento e pensamento crítico — e forma jovens
capazes de dizer não ao mundo como ele é*

POR BRUNA SERRA

PROJETO PEDAGÓGICO

A adolescência é um tempo de rebeldia. Não aquela rebeldia caricata de filmes, mas uma que pulsa entre o peito e o mundo — inquieta, contraditória, cheia de perguntas sem pressa de resposta. É nesse território em ebulição que o Fundamental II da Escola da Árvore fincou seus pés nos últimos anos. E é nesse mesmo solo, fértil de dúvidas e descobertas, que a escola tem ensaiado uma pedagogia capaz de articular conteúdo e transformação social, currículo e crítica, conhecimento e pertencimento.

Ao completar 10 anos, a Escola da Árvore não só consolidou um projeto pedagógico, mas reafirmou uma postura: educar não é apenas ensinar o que está nos livros, é tensionar o que está no mundo. E o Fundamental II se tornou, talvez, o principal espaço dessa tensão criadora. “Mais do que uma ponte entre o Fundamental I e o Médio, o Fundamental II é o momento em que os adolescentes buscam identificação, pertencimento, e colocam à prova tudo aquilo que aprenderam — sobre si, sobre os outros, sobre o mundo”, diz Denise Macedo, coordenadora do segmento.

Essa busca por pertencimento, típica da adolescência, aqui é levada a sério — e canalizada. A escola aposta em projetos como o Parlamento Jovem, que transforma cidadania em prática viva, linguagem em instrumento de reivindicação e gramática em ferramenta de mobilização. É nessa lógica que os estudantes escrevem manifestos, elaboram campanhas, decodificam a publicidade estatal e aprendem a usar o voto como gesto ético. O conteúdo é dado, sim, mas em contexto. Nasce de uma prática



Experiências que transformam conteúdos como ética e argumentação em prática política real.



Formal, real e oculto: os três currículos que guiam o cotidiano pedagógico da Escola da Árvore.

social, é problematizado pelo professor, e volta à sociedade reconfigurado pelo olhar crítico dos alunos.

O currículo do Fundamental II é triplo. Há o formal — BNCC e Currículo em Movimento; o real — que nasce da experiência vivida no chão da escola; e o oculto — que incorpora os pilares éticos da instituição: diversidade, natureza e movimento. Mas essa divisão não cria compartimentos. Pelo contrário: na Escola da Árvore, esses três planos se entrelaçam como raízes sob a terra — silenciosas, mas sustentando toda a vida que floresce em cima.

Essa vida, aliás, pulsa nas batalhas de rima em aulas de História; na análise crítica de redes sociais em projetos de linguagem; nas discussões sobre gênero, sexualidade e inteligência artificial; na redistribuição intencional do capital cultural. Aqui, cultura popular é conteúdo. Tik Tok é linguagem em análise. Festa do Campo é currículo vivo. Nada do que é da vida fica de fora — nem o que alegra, nem o que ameaça.

Mas há tensão. Sempre há. E precisa haver. “A escola só é um espaço de transformação social quando os seus agentes tensionam as relações para fora da escola”, diz Davi Contente, fundador da Escola da Árvore. Isso vale para professores, funcionários, famílias e, claro, para os adolescentes. E eles tensionam: questionam a autoridade, confrontam o machismo, apontam o racismo, identificam as fake news. Fazem perguntas incômodas, ousam imaginar outros mundos. E por isso, muitas vezes, se torna alvo de descon-



Batalha de rima como linguagem crítica: adolescentes exploram temas sociais com arte e potência.

forço nos espaços que ocupam fora da escola. São vistos como “difíceis”. E são — no melhor sentido da palavra.

É nesse ponto que o currículo e a luta social se fundem. Aqui, preparar para o ENEM ou para a vida adulta não é se render a lógicas de mercado, mas reconhecer que a resistência também precisa saber jogar o jogo. Por isso, a escola promove simulados — sem notas, sem rankings, mas com sentido. Porque preparar é cuidar. E cuidar, aqui, é um verbo político.

Quando perguntados sobre o legado da escola, Denise e Davi têm respostas parecidas: que os jovens formados aqui saibam dizer “não” ao sofrimento naturalizado. Que rejeitem os discursos prontos. Que inventem gramáticas novas para mundos ainda inexistentes. Que criem ficções políticas. Utopias práticas. E que levem com eles uma ética do incômodo — aquela que se recusa a se acostumar com a injustiça.

No fundo, o que o Fundamental II da Escola da Árvore propõe é simples: que o conhecimento não seja só instrumento de ascensão individual, mas de transformação coletiva. Que educar seja um ato de imaginação política. E que cada adolescente que passa por essas salas saia sabendo que não está só — nem no que sente, nem no que sonha.

Porque há uma árvore ali. E ela ensina, mesmo em silêncio, que é possível crescer e resistir ao mesmo tempo.



O encontro sincero constrói o que nenhuma teoria alcança: a alegria de fazer.



Não tem nota nem classificação: um simulado para reflexão individual das suas próprias aprendizagens.



A Serrinha não é cenário: é educadora e testemunha.

O papel da escola como espaço de resistência e criação de mundos possíveis

A experiência da Escola da Árvore na defesa das nascentes e do Cerrado da Serrinha do Paranoá

POR LUCINHA MENDES

No coração da Serrinha do Paranoá, uma das regiões mais ricas em biodiversidade e nascentes do Distrito Federal, a Escola da Árvore floresce como um espaço onde educação, cultura e resistência se entrelaçam. Mais do que um lugar de aprendizado formal, a escola é um território vivo, é guardiã da memória e do futuro de uma comunidade que há décadas enfrenta pressões de expansão urbana, especulação imobiliária e degradação ambiental.



Educar é formar cidadãos conscientes de seu papel no cuidado com a vida

Quando nos aproximamos da Escola da Árvore, logo percebemos que não estamos diante de uma Escola como as outras. Educar ali não é apenas transmitir conteúdos, mas formar cidadãos conscientes de seu papel no cuidado com a vida. As crianças que ali estudam aprendem que o Cerrado não é apenas "mato" — é berço das águas, guardião dos rios e fonte de equilíbrio climático. Nas aulas, nas rodas de conversa, nas saídas de campo, eles conhecem de perto as nascentes, aprendem o nome das plantas, o canto dos pássaros e a importância de proteger cada árvore.

Quando penso na Escola da Árvore, penso em esperança.

A pressão pela ocupação de áreas de recarga e pela supressão da vegetação na Serrinha é constante. Nesse cenário, em parceria com entidades como a Associação Preserva Serrinha, a escola se transforma em um ponto de resistência. Mobiliza a comunidade da escola e abre espaço para debates e ações coletivas que fortalecem a defesa do território. Juntos, Escola e Comunidade, já promoveram diversas ações que fazem diferença no território da Serrinha, como o plantio de mudas e diagnóstico da biodiversi-



Pais da escola sinalizando a estrada. Cuidar da Serrinha é projeto coletivo.

dade da região, ações de sensibilização para a defesa das nascentes e do futuro que ecoam muito além de suas cercas.

Inspirada por uma visão de futuro que integra justiça social, equilíbrio ambiental e diversidade cultural, a Escola da Árvore se projeta como uma sementeira de mundos possíveis. Ao estimular práticas como a agroecologia, manejo sustentável e valorização dos saberes tradicionais, a escola demonstra que outro modelo de desenvolvimento é viável — um que reconheça a água e o Cerrado como sujeitos de direitos, e que coloque a vida no centro das decisões.

Em um momento em que o Distrito Federal discute seu Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT), a experiência da Escola da Árvore é um exemplo inspirador. Demonstra que escolas podem — e devem — ser protagonistas na construção de políticas públicas que respeitem os limites ecológicos do território e assegurem a água para as gerações futuras.

Na Serrinha do Paranoá, entre veredas e buritis, a Escola da Árvore segue firme: ensinando, resistindo e sonhando. Porque proteger as nascentes e o Cerrado não é apenas defender um pedaço de terra, é garantir que mundos possíveis floresçam — para todos.

Nós, moradores e comunidade da Serrinha, seguimos sendo inspirados por essa Escola, na luta pela vida, pelo futuro.

A Escola da Árvore é principalmente uma Escola da Esperança.



Expediente:

Revista comemorativa — 10 anos da Escola da Árvore

Coordenação editorial: Bruna Serra & Murillo Camarotto

Textos: Bruna Serra, Ludimila Moreira & Ane Cajado

Edição & Revisão: Murillo Camarotto

Fotografia: Matheus Alves

Projeto gráfico e editorial: Hugo Pereira

Ilustração: Daniel de Carvalho

Impressão: Cidade Gráfica

Ano de publicação: 2025

Colaboração: Equipe docente, alunos e famílias da Escola da Árvore

Brasília, DF — 2025

Ficha técnica

Direção pedagógica: Leticia Araújo

Direção administrativa: Nathália Campos

Publicação realizada pela Escola da Árvore.
Impresso pela Cidade Gráfica em Brasília-DF/2025.
Composto com a família tipográfica Petala Pro da foundry Typefolio



www.escoladaarvore.com.br



@escoladarvore

15 a 18
outubro/2025

REALIZAÇÃO



PARCERIA

